



Faculdade Batista  
do Rio de Janeiro

Milene Ribeiro Noenta De Lima

**BETTY ANTUNES DE OLIVEIRA**  
**CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DOS BATISTAS BRASILEIROS**

Rio de Janeiro, 2021



Faculdade Batista  
do Rio de Janeiro

Milene Ribeiro Noenta de Lima

**BETTY ANTUNES DE OLIVEIRA**  
**CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DOS BATISTAS BRASILEIROS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Teologia da FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Teologia. Orientado pelo Prof. Carlos Cesar Peff Novaes.

Rio de Janeiro, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Hevânia de Oliveira Ribeiro - CRB 4265 RJ

L732b Lima, Milene Ribeiro Noenta de  
Betty Antunes de Oliveira: contribuição para a história dos  
Batistas Brasileiros / Milene Ribeiro Noenta de Lima. — Rio de  
Janeiro: FABAT, 2021.

Bibliografia.

x, 49f: il.

Orientador Prof. Carlos César Novaes

Monografia (Bth) - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

1. Batistas ---- Brasil ---- História ---- Betty Antunes de Oliveira, 1919 – 2016. 2. Oliveira, Betty Antunes de, 1919 – 2016 --- Biografia.
- I. Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

CDD – 286.109



Faculdade Batista  
do Rio de Janeiro

Milene Ribeiro Noenta de Lima

**BETTY ANTUNES DE OLIVEIRA**  
CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DOS BATISTAS BRASILEIROS

---

Prof. Carlos Cesar Peff Novaes

---

Prof. da Banca Examinadora

---

Prof. da Banca Examinadora

Rio de Janeiro, 2021

À memória de Dona Betty Antunes de Oliveira, que através de sua vida tocou e inspirou milhares de pessoas, especialmente as mulheres, com sua devoção e dedicação a Deus, suas palavras, sua mansidão, sua pesquisa, seus livros e suas músicas.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, meu SENHOR, digno de todo o meu louvor, digno de toda honra, glória e majestade.

À minha família, que em tudo é meu alicerce e minha alegria. Meus pais, Neusa Noenta e João Batista Noenta, minha irmã, Nathalia Noenta, e meus dois primos, que para mim são como irmãos, Elaine Lima e Renato Lima.

À minha amada Igreja, Primeira Batista de Irajá, por ter me enviado e contribuído com meus estudos nesta casa.

Ao PR João Emílio Cutis Pereira por ter sido instrumento divino para minha conversão, meu aperfeiçoamento no caráter cristão e meu crescimento no conhecimento da palavra de Deus.

À Ministra Cleyds Rejala por todo apoio espiritual e emocional, além de toda a amizade que me foi graciosamente oferecida desde a minha chegada ao ministério infantil Geração Amarelinha, além de todos os ensinamentos sobre como ser uma verdadeira serva de Jesus.

Ao PR Carlos Dalcin por me proporcionar tantos momentos marcantes no Ministério Jovem e naquela antiga classe de doutrina.

Às minhas amigas de caminhada, instrumentos nas mãos de Deus, com quem muito cresci e aprendi: Andressa Rodrigues, Ellen Alves e Marianna Lisboa.

Ao PR Carlos Novaes por ter mais que me ensinado, ter me inspirado a aprender, e atenciosamente me orientado nesta tarefa.

Aos demais professores da casa por todo o carinho e esforço dedicado à minha formação teológica, carrego todos em doces memórias.

À bibliotecária Hevânia de Oliveira Ribeiro do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, que, sempre de maneira atenciosa, fez muito mais do que era de sua atribuição, me ajudando e auxiliando nos estudos e na utilização do que este acervo dispunha.

Aos amigos do Seminário, com quem dividi momentos de devoção, momentos de estudos, momentos de tristeza e alegria, além das profundas conversas, as quais contribuíram para a construção daquilo que me tornei ao longo desta jornada: Janaíne Vasconcelos, Gabriel Camargo, Ramon Oliveira, Amnon Lopes (*in memorian*), Pedro Inglez, Darío Coímbra, Yann Lessa, Matheus Drumond, Cliff Iuri Gonçalves, Maria Eduarda Transcoveski, Júnior Almeida, Jonathas Lopes, Mariane Godoi, Débora Cádimo e Joyce Leão.

Aos contemporâneos colaboradores da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, local onde trabalhei durante todo o período desta graduação.

Aos meus superiores que em muitos momentos me apoiaram, flexibilizando meus horários para favorecer os estudos, PR Alexandre Peixoto e Rita de Cassia Jerônimo.

Aos amigos de trabalho, dos quais muitas vezes recebi palavras de ânimo, de carinho e de incentivo, pessoas que sempre me motivaram e acreditaram na conclusão desta etapa da minha vida, Tatiana Moulié, Daniel Moulié, Ana Matosinho, Luciana Nascimento, Camila Souza, Flávia Lima, Jéssica Gouveia, Monique Campos, Jéssica Dias, Alexandre Berton e Manoel Marinho.

Ter a amizade e o apoio de cada um de vocês me impulsiona a seguir em frente e a enxergar os desafios com mais força e coragem. Agradeço-vos porque foram, de fato, essenciais.

“Queira Deus que os feitos dos nossos antepassados continuem a inspirar as novas gerações para a continuidade da grande obra que nos foi outorgada por Cristo, ampliando-a cada vez mais até que volte o mestre.”

– Betty A. Oliveira

## **RESUMO**

O presente trabalho objetiva abordar a vida e obra de Betty Antunes de Oliveira, ressaltando a influência de sua família de origem, que tem seu contexto vivencial no seio da denominação batista, na produção de sua principal obra historiográfica. Através de cautelosa análise e ampla pesquisa bibliográfica, esta tarefa visa ainda versar sobre os impactos e desdobramentos da difusão deste material dentro das fronteiras institucionais. Discorre-se a respeito das consequências da obra produzida por Betty no que diz respeito à sua contribuição para a história da denominação no Brasil, bem como os conflitos e as repercussões internas geradas em razão de sua posição social e gênero. A incompatibilidade de suas conclusões investigativas em relação à narrativa oficial em questão evoca questionamentos ligados a maneira batista de fazer história e lidar com questões acadêmico-científicas na produção do saber denominacional.

## **PALAVRAS-CHAVES**

Betty Antunes; Batistas Brasileiros; Historia dos Batistas; Marco Inicial Batista; Centenário Batista Brasileiro

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. “DONA BETTY”: A MULHER POR TRÁS DA HISTÓRIA.....</b>	<b>12</b>
2.1 VIDA ATRELADA À DENOMINAÇÃO BATISTA.....	13
2.1.1 BISAVÔ MATERNO: ROBERT PORTER THOMAS.....	13
2.1.2 PAI: RICARDO PITROWSKY.....	14
2.1.3 LAR DE CRIAÇÃO .....	15
2.2 CASAMENTO .....	16
2.3 ESTUDOS E FEITOS NA ÁREA DA MÚSICA .....	18
2.4 MINISTÉRIO .....	20
2.5 NOÇÕES DE IGUALDADE NO CASAMENTO E NO MINISTÉRIO .....	23
<b>3. ORIGENS DOS BATISTAS NO BRASIL: UMA QUESTÃO HISTORIOGRÁFICA.....</b>	<b>26</b>
3.1 JOSÉ DOS REIS PEREIRA E A IDEOLOGIA MISSIONÁRIA BATISTA .....	27
3.2 AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO BATISTA BRASILEIRO.....	32
3.3 BETTY ANTUNES DE OLIVEIRA E O RESGATE HISTÓRICO-RELIGIOSO MIGRATÓRIO.....	37
<b>4. O TRABALHO DE DONA BETTY: A PESQUISA E O LIVRO .....</b>	<b>42</b>
4.1 CONTORNOS E DESFECHOS DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA FAMILIAR .....	43
4.2 AS REAÇÕES: CONFLITOS DE GÊNERO E PODER.....	49
4.3 O RECONHECIMENTO .....	53
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>55</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>57</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta tarefa busca aproximar-se da pessoa de Betty Antunes de Oliveira, visando compreender seu impacto dentro da denominação batista. Figura de vida simples, dedicada à devoção, ao mesmo tempo forte e destemida, “Dona Betty” deixou sua marca por onde passou. Sua figura doce e tenaz representa a filha de cristãos que foi capaz de verdadeiramente sensibilizar-se à fé de seus pais, a estudante que se dedicou a aprender e a aplicar com diligência aquilo que lhe foi entregue, a esposa e mãe que auxiliou e assistiu sua família, e, por fim, a mulher que não se deteve aos padrões sociais e denominacionais impostos, mas empenhou-se em veicular seu acurado trabalho de pesquisa.

O presente trabalho busca, ainda, afastar Betty Antunes e suas contribuições de uma possível desvalorização que a recolocaria em lugar de impotência na produção de saber diante da comunidade batista. Torna-se relevante evidenciar as questões levantadas por ela a partir do momento que é possível notar uma recorrente relutância da denominação em lidar com questões ligadas às mulheres e ao academicismo técnico e científico. O tratamento dispensado a Betty durante suas pesquisas e sua tentativa de reconhecimento denunciam questões que carecem ser revisitadas para uma melhor compreensão coletiva a respeito de pressupostos e comportamentos que há décadas sobrevivem à comunidade batista no Brasil.

Em um primeiro momento, esta composição objetiva ambientar e familiarizar o leitor ao contexto vivencial de Betty Antunes, que cresceu em lar batista, é descendente de pioneiros da denominação nas áreas de plantação de igreja e hinografia, casou-se com um pastor, estudou em um dos seminários da organização e desenvolveu sua vida ministerial em congregações e igrejas diretamente ligadas à Convenção Batista Brasileira. Em um segundo momento, busca-se trazer ao conhecimento público a principal questão enfrentada por Betty dentro das fronteiras batistas, o questionamento e o êxito na alteração do discurso hegemônico a respeito do marco inicial batista no Brasil já consolidado pela organização. Por fim, observando algumas questões relevantes ao contexto da mulher por trás da história, tais como as significativas desvantagens em razão de sua posição social e seu gênero, expõe-se, a autenticidade e o cientificismo de sua pesquisa que legitimam o mérito de seu já impreterível reconhecimento por parte da liderança institucional.

## 2. “DONA BETTY”: A MULHER POR TRÁS DA HISTÓRIA

Descendente de imigrantes da Alemanha e dos Estados Unidos, Betty Pitrowsky, a filha de Ricardo Pitrowsky e Eugênia Thomas Pitrowsky, nasce no dia 13 de maio de 1919, no Rio de Janeiro, onde viveu sua infância, adolescência e início da juventude.<sup>1</sup> Nesta cidade, Dona Betty iniciou seu desenvolvimento nas áreas ministeriais e acadêmicas. Neste contexto, conheceu o homem que seria seu companheiro de vida pelos próximos 56 anos, o então seminarista, Albérico Antunes de Oliveira.

*Minha mãe é de fato uma pessoa linda por fora e ainda mais por dentro. Tem um semblante de paz e agradecimento, apesar de ter sofrido momentos dolorosos e difíceis lá em Manaus onde passou cinquenta anos trabalhando para o Senhor em situações demais precárias. Como era concebido antigamente, a esposa de pastor tem que trabalhar muito em casa e na igreja, porque é uma esposa de pastor. Sem ganho financeiro, é claro! Papai sempre dizia: “Sem o meu Bem (era como eles se tratavam) eu não sou o que sou”. O semblante dela até hoje e seu modo de ser não nos deixa perceber o quanto ela sofreu naquele lugar, que naquele tempo era considerado “fim-de-mundo”. Ir para aquele rincão era considerado loucura.<sup>2</sup>*

Betty Antunes de Oliveira foi esposa dedicada ao então deputado federal e Pastor Albérico Antunes e mãe zelosa aos seus seis filhos: Nancy, Betty, Nelson, Junia, Gláucia e Lincoln. Também foi jornalista, escritora, pesquisadora, organista, pianista, regente e compositora, sendo figura importante para os batistas brasileiros. No dia 11 de outubro de 2016, aos 97 anos, chegou ao fim de sua jornada terrena, uma semana após passar por uma cirurgia de fratura transtrocanteriana e não resistir aos desdobramentos do procedimento. Mesmo em sua velhice, e em seus últimos dias de vida, esta serva fiel preservava o olhar sereno e doce, ainda tocava piano e louvava a Deus.<sup>3</sup> Para os registros históricos dos batistas, Betty deixou um grande legado que, certamente, perdurará pelas próximas gerações, especialmente compilados e apresentados em seu livro “*Centelha em Restolho Seco*”, o qual abordaremos mais a frente nesta tarefa. Na área de música, existem muitos antigos alunos instrumentistas, regentes e professores atuantes nas igrejas locais Brasil à dentro, com quem Betty contribuiu para a formação pessoal, inspiração, formação acadêmica e atuação em ministério.

<sup>1</sup>SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 456.

<sup>2</sup>Email enviado por Betty Antunes de Oliveira (filha) para Rute Salviano Almeida, em 9 de agosto de 2011. Disponível em seu livro “*vozes femininas no início do protestantismo brasileiro*”, p. 455.

<sup>3</sup>Disponível em <https://www.hinologia.org/betty-antunes-de-oliveira/> acesso no dia 06/07/2021

## 2.1 VIDA ATRELADA À DENOMINAÇÃO BATISTA

### 2.1.1 BISAVÔ MATERNO: ROBERT PORTER THOMAS

O Pastor Robert Porter Thomas, nascido em 1825 em Dallas Co., Alabama, EUA, foi um dos membros fundadores da Primeira Igreja Batista no Brasil, organizada em 10 de setembro de 1871, em Santa Bárbara d'Oeste.<sup>4</sup> Neste período, vieram para o Brasil algumas famílias do Sul dos Estados Unidos que, desanimados com os resultados da Guerra de Secessão, se viram encorajados a explorar as novas terras emergentes na América do sul, mais especificamente no Brasil, que naquele período incentivava a migração européia e norte-americana.

*Desejou ser útil no Brasil. Em 22 de jul., RPT e família desembarcaram no Rio de Janeiro, e logo seguiram para Santa Bárbara, SP. Ali, em 10.09.1871, foi membro fundador da Primeira Igreja Batista organizada no Brasil. Em 1880, RPT batizou Antonio Teixeira de Albuquerque, que se tornou membro da Igreja Batista da Estação. Juntos, RPT e seu colega E. H. Quillin, procederam à consagração ao Ministério da Palavra do mesmo A. T. Albuquerque. Assim, as duas igrejas entraram para a História dos Batistas no Brasil. Quatro membros da primeira e um da segunda foram os fundadores da Primeira Igreja Batista na Bahia, em 1882!*<sup>5</sup>

A participação de Robert Porter no início da Missão Batista, na região de Santa Bárbara, foi a de um obreiro e colaborador incansável. De certo modo, isto se deve a uma vasta experiência que havia tido aos 21 anos de idade, quando achou por bem seguir o seu irmão Samuel S., que se havia mudado para Mine Creek, (depois, Nashville) Arkansas. Por volta de 1835 este lugar era mata virgem cortada por algumas trilhas de índios e caçadores,<sup>6</sup> contudo, quando Robert ali chegou já haviam algumas clareias na floresta que deram origem a cidade chamada hoje de Nashville, onde já havia também um trabalho batista iniciado com a organização da Igreja Batista de Mine Creek<sup>7</sup> que foi registrada em 1835, pelo Rev. I. C. Perkins, sogro de Robert. Anos mais tarde, em 1871, o Pastor Robert e sua família viriam ao Brasil juntamente com as primeiras famílias do sul dos E.U.A, onde trabalhou arduamente para o crescimento da denominação batista no Brasil, foi esposo dedicado e pai amoroso.

<sup>4</sup>SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 456.

<sup>5</sup>OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco: Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil**. 1º. ed. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 1985. p. 147.

<sup>6</sup>*Ibid.*, p. 145

<sup>7</sup>Mais tarde, o nome desta igreja foi mudado para Primeira Igreja Batista de Nashville.

*Os cabelos de Robert P. Thomas embranqueceram. Sua barba dava-lhe aquele ar de patriarca, de semblante sereno, de olhar marcado por vitórias conseguidas com duros sofrimentos. Como gostava de pilheriar, ele procurava resolver os assuntos com uma dose de bom humor, e sempre foi muito ponderado. Era querido e amado por seus filhos, netos, irmãos na fé e tantos outros.*<sup>8</sup>

## 2.1.2 PAI: RICARDO PITROWSKY

Carlos e Frederica Fuerharmel, avós maternos do pai de Betty Antunes, Ricardo Pitrowsky, desembarcaram no Rio Grande do Sul, no dia 15 de outubro de 1881, vindos da Pomerânia, Alemanha, onde o casal era membro da Igreja Batista de Retz.<sup>9</sup> Os Fuerharmel constituíram, até onde sabemos, o primeiro grupo batista naquele Estado. O trabalho por eles iniciado resultou na organização da Igreja Batista de Linha Formosa (hoje, apenas Formosa).<sup>10</sup> Dez anos depois, no dia 10 de janeiro de 1891, nasceu o menino Ricardo, filho de Gustavo e Elisa Pitrowsky que também tiveram outros filhos.

Ricardo Pitrowsky, filho de gaúcha com alemão, ingressou no Colégio e Seminário Batista do Rio de Janeiro em março de 1911, sob convite do então diretor, Dr John Watson Shepard.<sup>11</sup> Formou-se em 1916, na primeira turma regular a receber o grau em Teologia da instituição<sup>12</sup>. Sua filha, Betty, descreve com detalhes este momento da vida do pai em uma biografia sobre a vida do Gaúcho de descendência alemã, o livro “*Do arado ao cajado*”. Quando este expressou ao seu pai, Gustavo Pitrowsky, o desejo de ir para o seminário no Rio de Janeiro teve a seguinte resposta: “Meu filho, você é agora o único filho varão que pode fazer o trabalho pesado da roça e eu já estou ficando velho. Não posso deixar você ir”.<sup>13</sup> O filho obediente dedicou-se ao serviço agrícola com seu pai, o auxiliando por mais um tempo.

Ricardo Pitrowsky foi pastor da Igreja Batista de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, por mais de 38 anos depois de já ter pastoreado e administrado uma congregação na Bahia. Escreveu, ainda, no *O Jornal Batista* quase que semanalmente durante longo tempo, era também um exímio musicista, tendo deixado incontestáveis contribuições para a hinódia

<sup>8</sup>OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco: Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil**. 1º. ed. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 1985. p. 149.

<sup>9</sup>AMARAL, Othon Ávila. **Marcos batistas pioneiros**. 1º. ed. Mesquita: Edição do Autor, 2001. p. 113.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.hinologia.org/ricardo-pitrowsky/>>. Acesso em 15/06/2021

<sup>11</sup>NACHTIGALL, Vera Liana. **Ricardo Pitrowsky: sua vida e sua contribuição à hinologia brasileira**. Orientador: Prof João R. Sutton. 1973. 85 p. Monografia (Graduação) - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Rio de Janeiro, 1973. p. 8.

<sup>12</sup>AMARAL, Othon Ávila. **Marcos batistas pioneiros**. 1º. ed. Mesquita: Edição do Autor, 2001. p. 233.

<sup>13</sup>OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Do arado ao cajado**, p. 7.

brasileira,<sup>14</sup> principalmente traduzindo e adaptando canções ao Cantor Cristão, além de ter cooperado na produção da primeira edição do hinário com música. “O pr. Ricardo Pitrowsky, além de compor hinos para corais e para a congregação, de fazer arranjos e traduções, também compôs letras ou fez traduções de 23 hinos do *Cantor cristão*, entre eles encontra-se um dos hinos preferidos pelos evangélicos: “Vencendo vem Jesus”.”(SALVIANO, 2014, p. 456).<sup>15</sup>

Casou-se com uma neta do Pastor Robert Porter Thomas, Eugênia Thomas, e o casal teve cinco filhos: Betty, Eudora, Elmer, Lovie e Beny.<sup>16</sup>Sua esposa era descendente de norte-americanos radicados em Santa Bárbara, em São Paulo, em 1918. Conheceram-se em seus tempos de seminarista, visto que Eugênia também estudou no Colégio Batista do Rio de Janeiro onde formou-se em “Bacharel em Ciências e Letras” em 1915, e que também era uma talentosa pianista. Dentre os cinco filhos do casal, está Betty Pitrowsky, que fora criada sob forte influência de homens e mulheres evangélicos e músicos desta família que até os dias de hoje influenciam a vida e história da denominação brasileira através de suas contribuições.

### 2.1.3 LAR DE CRIAÇÃO

No lar dos Pitrowsky, onde Betty fora criada, aconteciam cultos domésticos todos os dias após o café da manhã, sempre no mesmo horário, não importando o dia da semana e com todos os membros da família reunidos, todos deviam participar. Nestes momentos de devoção eram entoados cânticos dos hinários e do cantor cristão, diligentemente entoados em quatro vozes, além da leitura da Bíblia e de um estudo referente às palavras proferidas. Eram verdadeiros ensinamentos bíblicos que Ricardo Pitrowsky procurava tornar sempre muito interessantes para os filhos, ilustrando-os.<sup>17</sup>Sua filha Betty afirmou: “Em nosso lar, papai não dispensa os hinos nos cultos domésticos e, desde quando nos lembramos, eram cantados nas diferentes vozes. Ele era o baixo, de voz cheia e sonora.”<sup>18</sup> Era um pai dedicado no ensino

---

<sup>14</sup>NACHTIGALL, Vera Liana. **Ricardo Pitrowsky: sua vida e sua contribuição à hinologia brasileira**. Orientador: Prof João R. Sutton. 1973. 85 p. Monografia (Graduação) - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Rio de Janeiro, 1973. p. 5.

<sup>15</sup>SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 456.

<sup>16</sup>AMARAL, Othon Ávila. **Marcos batistas pioneiros**. 1º. ed. Mesquita: Edição do Autor, 2001. p. 234.

<sup>17</sup>NACHTIGALL, Vera Liana. **Ricardo Pitrowsky: sua vida e sua contribuição à hinologia brasileira**. Orientador: Prof João R. Sutton. 1973. 85 p. Monografia (Graduação) - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Rio de Janeiro, 1973. p. 11.

<sup>18</sup> Disponível em <<http://www.hinologia.org/ricardo-pitrowsky/>> acesso em 12/07/2021

Publicado originalmente em “**O Jornal Batista**”, Ed. 34, Agosto, 1966, pág. 4 – “Coluna Canto Musical”, 1966 de Bill H. Ichter.

dos filhos e um amante do estudo da palavra de Deus, conhecia a Bíblia profundamente, e era a sua toda marcada com diferentes cores, cada uma indicando um assunto.

O pai de Betty criou seus filhos de forma muito rígida, mas confiava neles inteiramente. Permitiu que todos estudassem sem interferir em suas escolhas, exigindo apenas que terminassem o que começavam. Instruiu Betty e seus outros quatro filhos para o ensino autodidata do inglês, lhes ensinado o seu método: leiam, leiam muito, muito mesmo, dizia ele, mesmo não entendendo nada.<sup>19</sup> Em sua casa, os filhos também tiveram farto acesso à música e ao aprendizado de instrumentos, visto que ele mesmo era exímio musicista e sua esposa, Eugênia Thomas, exímia pianista, dos quais, certamente, Betty Antunes herdara o talento para música e o coração devoto ao ministério e ao senhorio de Cristo.

## 2.2 CASAMENTO

Betty encantou-se por um seminarista membro da igreja que freqüentava, onde seu pai era pastor. Era este Albérico Antunes de Oliveira, um rapaz moreno de olhos negros, um típico brasileiro, natural da Bahia e filho de Segifredo e de Júlia Antunes de Oliveira.<sup>20</sup> O jovem era esforçado e incansável no apoio às atividades da igreja. Igreja esta, perseverante em seu trabalho no ministério local, mas que também cooperava na evangelização de outras regiões, como o fizera no sertão da Bahia, valendo-se do seminarista Albérico Antunes de Oliveira, para lá enviado e sustentado nos seus períodos de férias do seminário.<sup>21</sup>

*Pitrowsky [...] Deu todo apoio aos seminaristas, auxiliando-os financeiramente nos estudos. A igreja votava uma verba anual para a instrução visando, entre outros fins, o auxílio aos seminaristas. A igreja sempre teve a cooperação de seminaristas. Dentre eles: Antonio Lopes da Silveira, **Albérico Antunes de Oliveira**, Daniel do Carmo, Sebastião J. Ribeiro, Manuel G. de Oliveira, Davi Gomes, Joaquim Valadão, Tito Assis Ribeiro, Tiago Nunes Lima.<sup>22</sup>[grifo meu]*

Albérico chamava a atenção da família Pitrowsky por seu comprometimento no trabalho e a vocação ao ministério pastoral. Assim sendo, com o consentimento de seus familiares,

<sup>19</sup>NACHTIGALL, Vera Liana. **Ricardo Pitrowsky: sua vida e sua contribuição à hinologia brasileira.** Orientador: Prof João R. Sutton. 1973. 85 p. Monografia (Graduação) - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Rio de Janeiro, 1973. p. 12.

<sup>20</sup>SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino.** 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 469.

<sup>21</sup>NACHTIGALL, Vera Liana. **Ricardo Pitrowsky: sua vida e sua contribuição à hinologia brasileira.** Orientador: Prof João R. Sutton. 1973. Monografia (Graduação) - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Rio de Janeiro, 1973. p. 19.

<sup>22</sup>*Ibid.*, p. 22.

Betty e Albérico firmaram compromisso e ficaram noivos em 1936. Sobre este momento em sua vida, Betty Antunes faz a seguinte declaração:

*Meu namoro? Sim, houve, e era na casa de meus pais, na sala de visitas, nas quintas-feiras, depois das aulas. Se houvesse reunião à noite na igreja, o namoro restante da semana estava anulado. Na igreja, nada de namoro, nem sentar juntos! Ficamos noivos em novembro de 1936. O noivo? Ele era Albérico Antunes de Oliveira. Em 1937, ele assumiu o pastorado da Primeira Igreja Batista de Manaus. No meu arquivo tenho as inúmeras cartas trocadas durante o noivado. Cada carta levava mais de 35 dias para chegar ao destino! Ao Rio ele retornou para o nosso casamento em janeiro de 1938. Juntos participamos da Convenção Batista Brasileira, realizada no “Edifício Love”, do Colégio Batista do Rio de Janeiro, na Tijuca. Assim, o meu esposo, o “Meu bem” e eu, que era agora o “Meu bem” dele, recém-casados, passamos a “lua de mel” viajando de navio, do Rio de Janeiro para Manaus, durante 31 dias! Que maravilha!<sup>23</sup>*

A união do casal em matrimônio rompeu com barreiras de tradições culturais, fortemente enraizadas na época. Era um casamento de filhos de imigrantes com filhos de brasileiros, vigorosamente indesejável na época,<sup>24</sup> onde se supunha que a mulher deveria submeter-se totalmente e incontestavelmente à carreira do marido. Casaram-se em janeiro de 1938 e logo no mês seguinte viajaram para Manaus, onde Albérico havia sido chamado ao ministério pastoral.

Os primeiros anos não foram fáceis para o casal que iniciou a vida ministerial e matrimonial simultaneamente sendo ainda tão jovens, além disso, viveram também, no início de sua vida juntos, um momento conturbado para o mundo em questão, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Ainda assim, o casal permaneceu unido e desta maneira enfrentaram com vigor todos os desafios que a vida lhes apresentou.

*No primeiro ano de casados, nasceu-lhes a primogênita Nancy. Em 1940, Betty foi para o Rio de Janeiro, onde nasceu sua segunda filha, também batizada Betty, em 4 de junho. O esposo estava em tratamento de saúde, devido à tuberculose, mas voltou a Manaus, antes de restabelecido, para cuidar de assuntos da igreja. No final de 1940, Betty retornou sozinha para Manaus com duas filhas pequenas, Nancy com 2 aninhos e Betty com apenas 6 meses. Em 1942, teve malária por duas vezes quando estava grávida do terceiro filho. Com a ajuda de medicamentos usados por norteamericanos, que estavam naquela cidade extraindo borracha para a guerra, ela escapou de morrer junto com o filho que esperava, a quem deu o nome de Néelson Ajuricaba. Em abril de 1944, nasceu sua quarta filha, Junia.898 Em setembro de*

<sup>23</sup>OLIVEIRA, Betty Antunes de. “O dia dos namorados”, *Coluna da Verdade*. Edição 19. Disponível em: <[http://www.acoluna.org.br/textos\\_view.asp?id=89](http://www.acoluna.org.br/textos_view.asp?id=89)>. Acesso em: 04/10/2011.

<sup>24</sup> Os imigrantes no Brasil preferiam que os casamentos dos filhos ocorressem com pessoas da mesma origem. Muitos filhos obedeciam cegamente a essa tradição, e apenas em tempos mais recentes começaram a acontecer casamentos mistos. O que se via comumente era que descendentes de letos casavam-se com descendentes de letos, descendentes de alemães com descendentes de alemães, descendentes de estadunidenses com descendentes de estadunidenses, para preservação da cultura.

*1945, um terrível incêndio atingiu o entorno da igreja, cujo templo serviu de amparo para os desabrigados. O pr. Antunes, assumindo o papel de bombeiro, sofreu intoxicação ao ficar preso sob as paredes de uma casa de madeira e acabou hospitalizado. Betty também foi hospitalizada e, quase à morte, perdeu a criança que gerava. Mas o Senhor lhes preservou a vida, pois ainda tinham muito a realizar em sua obra. Em 1946, nasceu a quinta filha do casal, Gláucia, e, em 1954, depois de muitas orações, chegou o tão esperado caçula Lincoln. A família ficou completa com quatro meninas e dois meninos: Nancy, Betty, Nelson, Junia, Gláucia e Lincoln.*<sup>25</sup>

O casal permaneceu junto e infatigável no ministério, completando suas bodas de ouro, até o falecimento do Pastor Antunes em 1988, que deixou profundas saudades em sua esposa, a quem chamava “meu bem”, e aos filhos que tivera com ela.

*O pr. Antunes estava diferente; esquecido e pensativo, pouco conversava. Em 11 de julho, ele acordou bem cedinho e ajoelhou-se para orar na varanda do quarto, como era seu costume. Betty o chamou para o café, mas ele não respondeu. Ela o encontrou de bruços no chão, com o semblante sereno. O esposo acabara de partir para a eternidade, aos 76 anos de idade.*<sup>26</sup>

### 2.3 ESTUDOS E FEITOS NA ÁREA DA MÚSICA

Filha de dois talentos na área da música, mãe pianista e pai expoente na hinografia brasileira, era natural que Betty tivesse certa naturalidade no afloramento de seu talento musical. Com apenas sete anos de idade foi introduzida ao ensino de letras e música, e aos treze iniciou seus estudos como aluna da Escola Nacional de Música, da Universidade do Brasil, formando-se em 1936 no curso superior de piano e matérias correlatas.<sup>27</sup> Já em sua adolescência destacou-se como corista de vozes femininas e pianista do coro infantil em sua igreja. Quando jovem, condicionou seu casamento ao término de seu Bacharelado em Ciências e Artes da Educação, e seu jovem noivo, o seminarista Albérico, prontamente atendeu à sua decisão.

*Minha mãe é talentosa. Ela veio com talentos (dados pelo Pai), recebeu os dons (dados pelo Espírito Santo) e viveu os ministérios (dados pelo Filho). Aprendi sobre Chopin, Schubert, Mozart, Bach, ao ouvi-la tocando. Ser talentosa é ser hábil engenhosa e inteligente. Ouvi-a contar e falar da vida dos heróis da fé, dos vultos da arte e dos simples que a inspiravam.*<sup>28</sup>

<sup>25</sup>SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 470.

<sup>26</sup>*Ibid.*, p. 469.

<sup>27</sup>*Ibid.*, p. 27.

<sup>28</sup>AGUIRRE, Junnia Pitrowsky. **Minha vida com mamãe**. Manaus, 18 de setembro de 2006, p. 2.

Anos depois de seus primeiros passos no ensino superior, Betty se tornou professora no Colégio Estadual do Amazonas, da Escola Técnica Federal do Amazonas e coordenadora para assuntos culturais da Secretaria da Educação e Cultura do Amazonas. Durante as comemorações dos 50 anos do trabalho batista no Amazonas, em 1950, a musicista atuou como regente e pianista, ao mesmo tempo, formando um coro com membros das igrejas da região e conseguiu que fosse cantada a música “Aleluia” de Haendel, no Teatro Amazonas. Provavelmente foi a primeira vez que se cantou essa música naquele teatro.<sup>29</sup> Betty seguiu em sua dedicação à música após seu retorno ao Rio de Janeiro:

*Desde criança dedicou-se à música e, trinta anos depois de sua formatura em piano, querendo aperfeiçoar-se na área musical, retornou à Escola de Música para estudar órgão, composição e regência, graduando-se em 1971, em Órgão e, em 1972, em Composição e Regência. O dr. João Filson Soren, pastor da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, foi seu incentivador e a convidou para ser uma das organistas da igreja, consentindo que utilizasse o órgão para seu treinamento. Betty foi professora de piano e órgão, regente coral, organista e pianista recitalista. Também compôs música sacra e foi assessora da Seção de Música da Biblioteca Nacional. Em 1969, participou do grupo de organistas, por ocasião da inauguração do novo órgão Hammond da igreja.<sup>30</sup>*

Na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, regeu o Coral Eclésia na apresentação de “Te Deum”, de Anton Bruckere também em algumas de suas próprias composições, como “Dize ao povo de Israel que marche”, para as comemorações do centenário da igreja, em 1984. Assim como seu pai, Ricardo Pitrowsky, Betty preparou várias adaptações de composições de corais.<sup>31</sup> A musicista ainda conquistou seu espaço para participações em ambientes alheios ao âmbito cristão evangélico, tocando em recitais de piano e órgão como solista além de ter atuado como organista da Associação de Canto Coral do Rio de Janeiro e da Orquestra Sinfônica Brasileira. É possível encontrar um condensado resumo de suas muitas atividades com música em uma das edições especiais do *O Jornal Batista*:

*Betty Antunes foi organista e pianista acompanhadora do canto congregacional na Igreja Batista do Engenho de Dentro e na Primeira Igreja Batista, ambas no Rio de Janeiro, e na Memorial Batista de Brasília. Era formada pela Escola Nacional de Música (atual UFRJ) em piano e órgão (1936) e em composição e regência (1966). Em 1950, nas comemorações do trabalho batista no Amazonas, regeu um coro de membros de várias igrejas para cantar "Aleluia", de Haendel, no Teatro "Amazonas", em Manaus. Em 02 de julho de 1967 tocou no órgão "hammond" da PIBRJ o "Offertoire", de Théodore Dubois. Em 1969 foi convidada especialmente para participar, em 15 de junho, do programa de inauguração do segundo órgão*

<sup>29</sup>SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 464.

<sup>30</sup>*Ibid.*, p. 465.

<sup>31</sup>*Ibid.*, p. 466.

*eletrônico da PIBRJ, quando executou a "Pièce Heroique" de César Franck, dando ao trecho final uma interpretação majestosa. Foi organista da Associação de Canto Coral do Rio de Janeiro e da Orquestra Sinfônica Brasileira. Em 14 de março de 1980 inaugurou o órgão da Faculdade Teológica Batista de Brasília no auditório da Sociedade Cultural Evangélica de Brasília. Em dezembro de 1982 e de 1983 participou dos concertos de órgão na PIBRJ por ocasião do Natal. Compôs o oratório "Paulo" e adaptou o "Te Deum" de Anton Bruckner. Consta que colaborou na revisão da tradução do Hino "Descansando no poder de Deus" (CC-314; HCC-330). Também escreveu a biografia de seu pai, o hinógrafo batista Ricardo Pitrowsky (1891-1965).<sup>32</sup>*

Fora da área da música, Betty também se graduou em jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro, formando-se em 1962. Sua sede de conhecimento, seu desejo de aprender para contribuir sempre mais ainda encoraja mulheres até os dias de hoje. Aos 43 anos de idade se tornou bacharel em jornalismo, aos 53 graduou-se em composição e regência e aos 66 publicou seu livro mais famoso: *Centelha em restolho seco*, sobre o início do trabalho batista no Brasil, o qual se tornou uma das maiores contribuições no assunto. Hoje os batistas brasileiros já comemoram o início do seu trabalho mediante o que foi exposto por ela em pesquisa documental. Em 2011 recebeu o título de Doutor Honoris Causa em Divindade, por seu relevante serviço prestado à comunidade batista.

## 2.4 MINISTÉRIO

A pequena Betty foi batizada ainda aos 11 anos de idade, e desde então, passou a participar ativamente das organizações infantis da igreja que congregava, à medida que crescia, crescia também seu conhecimento da palavra, suas habilidades e talentos com a música e sua devoção, assim sendo, participou de organizações de moças, de jovens e de senhoras sem jamais abandonar as atividades nas congregações que fizera parte. Para ela, a mensagem de Cristo não era apenas coisa de igreja, mas uma direção para a vida de todo cristão, e por isso, não considerava a si mesma apenas como a esposa do pastor que deveria anunciar a mensagem de Cristo aos membros de sua comunidade, mas também como uma mensagem que deveria ser vivida em todas as atividades cotidianas.<sup>33</sup>

Um dos maiores testemunhos de que Betty vivia a mensagem da Palavra de Deus está em sua intrepidez ao enfrentar os desafios da vida cristã, como vemos neste relato de sua

<sup>32</sup> **O Jornal Batista**, Edição 48, Ano 2016, Publicado em 21 de novembro, edição em homenagem ao Dia do Ministro de Música Batista.

<sup>33</sup> SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1ª. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 462.

filha, Junnia Pitrowsky, a respeito de um evento específico. Quando em um culto público promovido pela congregação do pastor Albérico na Praça da Saudade, no Centro de Manaus, os crentes ali reunidos foram agredidos por um grupo de pessoas que traziam paus e pedras em suas mãos:

*No dia do apedrejamento, estava ao órgão tocando e cantando: “Paz, paz, paz! Em paz eu vou andando...” Mas, seus olhos estavam controlando seus filhos e dizia, no meio do canto: “Fiquem juntos a mim! Cantem, cantem, e fiquem encostados uns nos outros!” Suas palavras estavam cheias de sabedoria! O Espírito Santo estava ministrando sobre ela uma unção de sabedoria. Seu rosto estava resplandecente. Eu a amei mais naquele momento de caos e até os dias de hoje, quando revejo esta cena, o Senhor acrescenta algo mais a mim. O sábio se deixa atravessar pela Luz<sup>34</sup>*

Parte dos grandes desafios ministeriais enfrentados por Betty, certamente, ocorreram durante os anos que passou ao lado de seu marido, quando este assumiu a Igreja Batista de Constantinópolis,<sup>35</sup> que foi organizada no dia 3 de setembro de 1940, com e 24 membros possuidores de cartas de transferência da Primeira Igreja Batista de Manaus. Albérico Antunes de Oliveira foi o primeiro pastor desta igreja. Ele e sua jovem esposa, com apenas dois anos de casados, enfrentaram os desafios de uma igreja nascente dentro de um bairro desprovido de recursos básicos em contexto de Segunda Guerra Mundial.

*Foram tempos muito difíceis os do início daquela igreja. Era época da Segunda Guerra Mundial, a situação financeira era crítica e o pastor adoeceu. O bairro estava desprovido de qualquer saneamento e assistência governamental; não havia água encanada, luz, estradas ou ruas traçadas. O povo ia chegando e construía suas barracas sem nenhuma orientação do ponto de vista higiênico; faltava arborização, havendo apenas capoeira por todo canto; faltava calçamento, e assim ladeiras primavam por covões e buracos; e não havia transporte coletivo. Os animais andavam soltos; havia muita poeira, doença, pobreza e desemprego. Os operários ou trabalhadores recebiam baixos salários.<sup>36</sup>*

Antes de ser uma igreja organizada, ainda enquanto congregação em Educandos, a Igreja Batista Constantinópolis desafiou a vocação ministerial do jovem casal. Betty realizava diversas atividades voltadas para as necessidades e vulnerabilidades da comunidade onde estavam inseridos, organizando reuniões para mulheres, homens, jovens e crianças, para orientá-los em sua vida cotidiana. Falava-lhes sobre vida cristã e aperfeiçoamento espiritual e também sobre saúde, alimentação, planejamento familiar, relacionamento pessoal e orientação

<sup>34</sup>AGUIRRE, Junnia Pitrowsky. **Minha vida com mamãe**. Depoimento em 18 de setembro de 2006, p. 2.

<sup>35</sup>A igreja recebeu esse nome porque se encontrava à margem da estrada de Constantinópolis, hoje Avenida Leopoldo Peres.

<sup>36</sup>SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 460.

sexual.<sup>37</sup> Além disso, realizava visitas domiciliares às donas de casa para compartilhar a Palavra de Deus e orientá-las em questões familiares, matrimoniais e do trabalho doméstico, o que não era tarefa fácil, visto que os meios de deslocamento lhe eram precários e que a maior parte das casas da região ainda eram de chão batido e paredes de palha.

Segundo podemos ver em depoimento de sua filha, também chamada Betty Antunes, eram repassados conhecimentos e instruções sobre:

*Como limpar chão batido de terra sem fazer poeira; Como aproveitar o girimum (abóbora) que nascia pelas ruas ainda sem pavimento e quintais sem cerca e era dado aos porcos, que eram criados soltos nas ruas; Como tirar o “bicho-de-pé”<sup>905</sup> sem deixar infeccionar e poder colocar o tamanco ou chinelo feito com pneu velho de carro, que eramos calçados possíveis para a maioria das pessoas naquele tempo; Como tirar lêndeas e piolhos dos cabelos e mantê-los sem eles; Como construir os móveis com caixotes de madeira encontrados em terrenos baldios ou nos lixos; Como usar jornal para cobrir, com arte, latinhas que serviam de vasos de plantas para embelezar o ambiente caseiro.<sup>38</sup>*

Desta maneira, dedicada à vida ordinária daqueles ao seu redor, os ajudava a desenvolver suas capacidades lógicas para resolver problemas com os recursos que lhe fossem disponíveis, junto a isto, como uma verdadeira missionária na propagação do evangelho, correlacionava estes ensinamentos aos princípios bíblicos básicos para aperfeiçoamento espiritual na fé em Cristo. Também preocupada com a historicidade da igreja que iniciava como congregação, ela orientava os membros da igreja, dos diversos departamentos já existentes, a prepararem as atas e os balancetes financeiros<sup>39</sup>, incutindo neles a responsabilidade em relação ao que entendiam ser documentos históricos.

Betty também contribuiu para a alfabetização da população, visto que a maioria ainda não era capaz, se quer, de ler os seus próprios nomes e ter suas próprias assinaturas. Além disso, era possuidora de um coração empático que lhe tirava a capacidade de manter-se alheia às questões de cuidado aos necessitados, como vemos neste breve relato:

*Não consigo contar o número de crianças desenganadas pelos médicos, mas salvas por “dona Betty”, tanto aquelas dali da igreja quanto aquelas da vizinhança de nossa casa. Por muitas vezes ela as levava para casa e lá tratava delas com o que se tinha naquele tempo. Eu aprendi a ser sua auxiliar. Lembro-me que uma das crianças, infelizmente, não conseguiu sobreviver ao estado terrível de desnutrição. Encontrava-se em estado lamentável, minúscula, pura pele e osso. Chamava-se Etevína. Já arfava ao chegar lá em casa. Fizemos de tudo, mas já era tarde demais.*

<sup>37</sup>*Ibid.*, p. 462.

<sup>38</sup>OLIVEIRA, Betty Antunes de (filha). *Depoimento da Betinha sobre sua mãe Betty Antunes de Oliveira*. São Carlos, 16 de setembro de 2006.

<sup>39</sup>SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1ª. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 466.

*Lembro-me que eu fiquei ao seu lado até que seu coraçãozinho parou de bater. Até hoje me dói muito quando aquele quadro me vem à mente. Sofremos muito com sua partida. Nunca esqueci a Etelvina. Só me conformei porque mamãe nos consolou, dizendo: “Agora ela está com Jesus”.*<sup>40</sup>

Em meio a todo seu trabalho enquanto esposa de pastor, ainda encontrava tempo e boas utilidades para a sua outra grande paixão, a música. Naquela pequena igreja, Betty contribuiu muito com seus conhecimentos musicais, investindo seu talento para o ensino de música sacra e cânticos, que aprendera em seus estudos na juventude, e em seu lar de criação na família Pitrowsky. Organizou musicais, cultos de natal, com peças teatrais e corais, formou quartetos e dava aula de piano. Ensinava também o manuseio com fantoches e o teatrinho de sombras.<sup>41</sup> Suas habilidades eram indiscutíveis, tão logo, em ocasião da comemoração do aniversário de 5 anos da Igreja Batista de Constantinópolis, Betty montou uma programação musical que encantou a todos os presentes que, por oportunidade, prestigiaram o culto de gratidão, incluindo Walter Kaschek que fez a seguinte declaração sobre seu trabalho:

*D. Betty Antunes é uma exímia pianista e possuidora de excelente voz. Seu talento musical, reconhecido em toda a Manaus, ela o tem dedicado ao serviço do Mestre. O coro da Igreja de Constantinópolis é para mim a revelação de quanto pode o esforço aliado à arte. A igreja iniciou o novo ano eclesiástico com uma grande campanha de evangelização, que inclui um programa de visitação a todas as casas do bairro, no qual está localizada uma sexta parte da população da cidade. A igreja coopera com um ambulatório, cujo enfermeiro é membro da igreja, e com uma escola primária. Esse trabalho social e educativo se reveste de maior significação quando se verificam as necessidades daquele bairro pobre, onde a ignorância, o vício e a doença fazem ronda constante a tantos lare sinfelizes.*<sup>42</sup>

## 2.5 NOÇÕES DE IGUALDADE NO CASAMENTO E NO MINISTÉRIO

Embora o contexto vivencial do país e da época em que viveu não fosse favorável ao crescimento individual da mulher, a filha de Ricardo Pitrowsky teve bom incentivo familiar em relação à educação e ao seu desenvolvimento nos estudos. Foi em sua infância, junto à sua família de origem, que Betty iniciou seus estudos e graduou-se. Somado a isto, houve um consenso de seus pais para que se casasse com alguém fora dos padrões esperados<sup>43</sup>, e de seu então noivo e futuro marido, Albérico Antunes de Oliveira, para que esta pusesse em

<sup>40</sup> Depoimento de Betty Antunes de Oliveira (filha) sobre sua mãe.

<sup>41</sup> SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 463.

<sup>42</sup> KASCHEL, Walter. **Da cidade maravilhosa ao paraíso verde, III. Na capital amazonense**, p. 8.

<sup>43</sup> Aos padrões de seu tempo, esperava-se que uma moça filha de imigrantes com graduação em bacharelado se casasse com um rapaz de boa condição monetária e filho de imigrantes do mesmo país.

prioridade a conclusão de seu bacharelado. Em seu casamento, era respeitada enquanto suas capacidades e era tratada como companheira de ministério, tendo seu papel na casa, mas também na igreja liderada pelo casal. Sua esposa era considerada por ele a responsável pela concretização de todas as realizações, com seu trabalho organizado, eficiente, constante e sem alarde.<sup>44</sup>

Deste modo, dona Betty habilmente dividia e distribuía seu tempo diário com os assuntos relacionados ao ministério, a devoção diária, os estudos de assuntos que lhe interessavam, casa, filhos, esposo e ainda com a confecção das próprias roupas. Em relação aos seus filhos, os criou dando responsabilidades a todos, independente do gênero. Em sua casa não havia “tarefas de mulher” e “tarefas de homem”.<sup>45</sup>

*Minha mãe é perspicaz. Tem sagacidade e enxerga bem. É o dom da profecia. Tem a mente de um matemático e consegue resolver um problema de várias formas chegando a um mesmo resultado. Ela testa a operação. Fazia a escala de serviços para todos os da casa, sem haver desencontros de funções e horários. Colocava à vista de todos o “Quadro da Semana”.*<sup>46</sup>

Respeitando as possibilidades e limitações de cada um, Betty incentivava a participação dos filhos nas atividades da igreja. Aqueles que já sabiam ler e escrever estavam aptos a iniciar o aprendizado para a confecção das atas e balanços na tesouraria. A partir dos 12 anos também passavam a exercer atividades de culto, dirigindo e preparando sermões a partir de um texto bíblico para a exposição na chamada “*União Intermediária*”, onde participavam crianças desta mesma faixa etária.

Havia, entre o casal Betty e Albérico, uma evidente e singular concepção de igualdade perante Deus, o que se refletia em sua casa e em sua igreja. Tais como as tarefas dos filhos em casa, àquelas que precisassem ser executadas na igreja também ultrapassavam certos padrões da época. Essa igualdade não era apenas no gênero, mas chegava ao nível racial, social e até mesmo de idade, como vemos nesta declaração de uma das filhas do casal: “Aprendíamos que qualquer tipo de discriminação é abominável e não condiz com o princípio de igualdade de todos perante Deus”.<sup>47</sup> A título de exemplo do que o casal praticava e acreditavam, na liderança da Igreja Batista de Constantinópolis, Albérico Antunes, enquanto pastor da comunidade de fé escalava obreiros leigos para a pregação após certo tempo de caminhada e

<sup>44</sup>SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 461.

<sup>45</sup>*Ibid.*, p. 459.

<sup>46</sup>AGUIRRE, Junnia Pitrowsky, **Minha vida com mamãe**. Depoimento em 18 de setembro de 2006.

<sup>47</sup>OLIVEIRA, Betty Antunes (filha). Alguns comentários sobre a tese de doutorado de Kenji Yamabuchi, p. 6.

acompanhamento, além de ter entregado a direção da igreja nas mãos de uma mulher, fato inédito e estranho aos arraiais batistas daquele tempo, e até mesmo de hoje.<sup>48</sup> Em seu livro *Histórico da Igreja Batista de Constantinópolis em seu Jubileu de Prata*, o pastor Albérico traz um breve relato sobre a igreja que era tida como “diferente” pelas demais:

*Desde o início de nossa vida cristã entendemos que uma Igreja com o seu pastor deveria se guiar por um sistema de liderança. Assim é que desde o tempo quando a congregação funcionou, estabelecemos esse sistema entregando as responsabilidades a um e outro para se treinarem. Durante os 25 anos da Igreja, temos mantido essa forma, ainda que não bem compreendidos por alguns. Isto, porém, não nos fez esmorecidos. Foi-nos necessário muito esforço para prosseguir nessa linha. Os resultados positivos são inúmeros. Temos, inclusive, cerca de 10% dos membros da Igreja que podem pregar, podem dirigir os trabalhos administrativos; naturalmente, tendo sempre a orientação do pastor nas suas vigas mestras. Houve ocasião quando uma jovem, Srta. Maria Júlia Mitouso de Melo, ficou como vice-moderadora da Igreja, durante a ausência do pastor. Não fosse o sistema usado, ela não poderia arcar com essa responsabilidade. Tudo funciona, mesmo o Pastor estando presente, sendo que, por vezes, ele permite que a própria sessão da Igreja seja dirigida pelo 1º Vice-Moderador. Só a Ceia e o Batismo são ministrados pelo pastor. As sessões da Igreja têm-se realizado sempre, em 1ª Convocação, com número legal, excetuando-se uma única vez. Por certo que há alguns inconvenientes nesse sistema desde que não haja a devida supervisão ministerial, ou mesmo com ela. As vantagens, porém, são grandes. Há compensação farta. Dentro dessa forma, temos também ensinado e praticado os princípios democráticos, de modo que dentro da equipe há liberdade para discordar, se preciso, do próprio pastor. Assim, estimulamos a coragem para pensar e ensinamos como saber perder. Não temos tido problemas com “grupos”, exatamente pela prática desses postulados.<sup>49</sup>[grifos meus]*

O princípio de igualdade era praticado pelo casal também em suas funções e afazeres seculares, como professores de Educandários em Manaus, como dirigentes da Fundação Amazônica e em todos os outros lugares que atuavam. Para eles, trava-se de um princípio basilar para a vida, uma verdadeira luta contra a mentalidade existente.<sup>50</sup>

Em uma visita por ocasião do aniversário da igreja, em 1945, o então diretor do Departamento da Mocidade, que ficara encantado com o trabalho ali desenvolvido, especialmente na área da música, elogiou o desenvolvimento daquela igreja: “O casal Antunes de Oliveira está realizando ali uma obra abençoada. Refiro-me ao casal, pois as esposas de pastor ficam em geral esquecidas e anônimas, quando ao seu esforço se deve, tantas vezes, boa

<sup>48</sup>SALVIANO ALMEIDA, Rute. *Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino*. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 460.

<sup>49</sup> OLIVEIRA, Albérico Antunes de. *Histórico da Igreja Batista de Constantinópolis em seu Jubileu de Prata: 1940-1965*, p. 1-31.

<sup>50</sup>YAMABUCH, Alberto Kenji. *O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980*. São Bernardo do Campo, SP, 2009. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo.

parte do êxito do marido.”<sup>51</sup> Tendo o visitante retornado no domingo seguinte, bendisse mais uma vez os resultados daquela igreja em sua dedicação e em seus esforços evangelísticos:

*A igreja estava novamente repleta, havendo muita gente a ouvir do lado de fora. O povo bebia com sofreguidão a água da vida, e ao apelo responderam imediatamente 10 pessoas. Deus está abençoando o ministério do pastor Antunes de Oliveira em Educandos, que se tem dedicado com a sua companheira, de corpo e alma àquele povo.*<sup>52</sup>

Os esforços do trabalho de Dona Betty geraram farta compensação para a vida da igreja e certo reconhecimento daqueles que tinham algum contato com o trabalho da família Antunes de Oliveira. Ainda que este reconhecimento perante os homens não fosse o motivador de seu trabalho, mas sim o seu entendimento sobre o serviço divino, era inegável que sua participação enquanto esposa do pastor, musicista e evangelista foram um diferencial para o crescimento e estabelecimento daquela comunidade de fé. Além disso, toda a atuação de Betty, seja na área que fosse, “sempre teve como base a luta pela igualdade de todos perante a Deus e do amar ao próximo como a ti mesmo.”<sup>53</sup>

### **3. ORIGENS DOS BATISTAS NO BRASIL: UMA QUESTÃO HISTORIOGRÁFICA**

O marco inicial da origem dos batistas no Brasil, hoje comemorado no dia 10 de Setembro<sup>54</sup>, como definido na 89ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira, no ano de 2009, em Brasília, foi razão de grandes polêmicas e discussões dentro da própria denominação. Enquanto certa parcela de pesquisadores batistas sustentava e oficializava a data de 15 de Outubro de 1882, quando missionários da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista dos Estados Unidos organizaram a Igreja Batista da Bahia, em Salvador, outra parcela apontava a necessidade de um estudo mais profundo e documental sobre os colonos norte-americanos chegados à Santa Bárbara D’Oeste, em São Paulo, no ano de 1871,

<sup>51</sup> KASCHEL, Walter. Da cidade maravilhosa ao paraíso verde, III. Na capital amazonense, p. 8.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 8.

<sup>53</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes (filha). Alguns comentários sobre a tese de doutorado de Kenji Yamabuchi, p. 6.

<sup>54</sup> Disponível em [http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=48](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=48)>, acesso em 08/05/2021.

onde organizaram uma igreja.<sup>55</sup> Estava posta uma discordância que compreendia pelo menos 10 anos de história e que precisava de uma resolução assentida.

Posto isto, era evidente que ambos os lados traziam pressupostos distintos, e por isso, chegavam a conclusões distintas. Tanto um quanto outro trabalhava para sustentar suas posições ideológicas trazendo seu discurso historiográfico em certo lugar hermenêutico bem definido.<sup>56</sup> Enquanto um grupo defendia a ideologia missionária como o início do trabalho batista no Brasil, outro adotava o método de resgate histórico religioso migratório para o mesmo evento. Dentre estes grupos, podemos destacar os dois principais autores de obras historiográficas sobre o marco inicial batista e expoentes desta discussão: José dos Reis Pereira e seu livro *História dos Batistas no Brasil 1882-1982*, publicado pela Juerp<sup>57</sup> em 1982, sobre o Centenário dos batistas no Brasil comemorado em 1982 na Bahia, e Betty Antunes de Oliveira e a construção de seu livro sobre os primórdios do trabalho batista no Brasil, *Centelha em Restolho seco*, publicado em edição própria no ano de 1985.

### 3.1 JOSÉ DOS REIS PEREIRA E A IDEOLOGIA MISSIONÁRIA BATISTA

José dos Reis Pereira foi importante figura batista, o pastor nascido no dia 4 de fevereiro de 1916, que também se dedicou aos estudos de teologia, filosofia, jornalismo e História, converteu-se aos 14 anos de idade na Igreja Batista em Vila Mariana, São Paulo, e foi batizado algum tempo depois.<sup>58</sup> Com apenas 16 anos de idade ingressou no Exército Brasileiro onde serviu diligentemente, tendo participado da revolução de 1932. Apesar de ser firme em suas convicções, era um homem amável com sua família, como é possível perceber neste depoimento de sua neta na ocasião de seu falecimento, no dia 15 de Outubro de 1991:

*Pr. Reis não era um homem fechado e não o considero um batista fundamentalista, era um batista sincero e convicto, pois sua crença vinha do muito estudo e meditação. Muitos que o conheceram apenas de púlpito podiam considerá-lo reservado, mas conosco era alegre, descontraído e muito, muito espirituoso.<sup>59</sup>*

---

<sup>55</sup>SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: história e religião na América Latina à partir de Michel de Certeau**. 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 16.

<sup>56</sup>Entende-se por lugar hermenêutico o contexto de construção de determinado registro historiográfico, envolvendo aspectos históricos, sociais e os objetivos da produção.

<sup>57</sup>Junta de Educação Religiosa e Publicações. Editora oficial da denominação.

<sup>58</sup>SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: história e religião na América Latina à partir de Michel de Certeau**. 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 54.

<sup>59</sup>Depoimento de sua neta Ida Venturini de Souza.

Disponível em <http://joedventurini.blogspot.com/2011/10/meu-avo-pr-reis-pereira.html>> acesso em 06/06/2021

Foi consagrado ao ministério e empossado ao pastorado da Igreja Batista do Rocha, no Rio de Janeiro, em 1941, onde ficaria pelos 50 anos seguintes. Convidado para ser professor no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Reis Pereira atuou na instituição por 37 anos, especialmente na cadeira de História. Foi também professor no Instituto Bíblico de Educação Religiosa (IBER),<sup>60</sup> o qual deixou de lecionar para dedicar-se à diretoria do *O Jornal Batista*<sup>61</sup>. Reis Pereira foi frutífero escritor, tendo publicado significativas obras como: *Dia da ceia do Senhor à transubstanciação*; *Breve história dos batistas*; *história dos batistas no Brasil 1882-1982*; *O apóstolo da Amazônia*; *Mensagem da Cruz*; *Mobilização dos Válidos e Sal da Terra*, além de diversos artigos nos periódicos do jornal em que era diretor.

Dentro das fronteiras batistas foi presidente da Junta de Missões Estrangeiras<sup>62</sup> e da Ordem dos Ministros Batistas do Brasil<sup>63</sup> por várias vezes ao longo de 20 anos. Foi nomeado secretário da Convenção Batista Brasileira por mais de uma vez onde contribuiu também como vice-presidente. Sua atuação é largamente reconhecida na denominação por suas expressivas contribuições, especialmente na área de história dos batistas.

O pressuposto claro daqueles que defendem o marco inicial batista no Brasil com a organização da igreja na Bahia em 1882, como Reis Pereira, é o fato de que aqueles que a fundaram tinham um objetivo claramente missionário e conversionista com intenções estritamente religiosas desde a sua saída dos Estados Unidos da América, quando foram enviados pela Junta de Richmond. Em contrapartida, desqualificavam o grupo batista de colonos norte-americanos que se instalaram em Santa Bárbara em razão das motivações que os trouxeram ao Brasil, tais como a Guerra de Secessão, as posições adotadas em relação ao regime escravagista nos dois países e a política de incentivo imigratório vigente no governo brasileiro. Em seu livro, Reis Pereira enfatiza que as igrejas estabelecidas por aqueles colonos, a quem chama “exilados”, eram apenas para sua própria devoção:

*Derrotados na guerra, muitos sulistas pensaram em refazer suas vidas e fortunas emigrando para outros países. Dentre esses o que mais perspectivas agradáveis oferecia era o Brasil. O próprio governo brasileiro mostrava-se interessado em receber imigrantes norte-americanos. Assim, a partir de 1865, várias levas de imigrantes sulistas deixaram sua pátria em demanda da terra brasileira. Localizaram-se em lugares diversos, mas o grupo mais bem-sucedido foi o que se estabeleceu no interior da então Província de São Paulo, em Santa Bárbara, próximo de Campinas. Ali abriram seus sítios, construíram suas casas ao estilo das que haviam deixado, muitas delas destruídas em consequência da guerra. Logo*

<sup>60</sup>Nos dias atuais a organização chama-se CIEM (Centro Integrado de Educação e Missões)

<sup>61</sup>O jornal batista é um periódico semanal, fundado em 1901, que a partir de 1909 passou a ser órgão informativo oficial da Convenção Batista Brasileira, onde José dos Reis Pereira atuou com diretor por 24 anos.

<sup>62</sup>Nos dias atuais a organização chama-se Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

<sup>63</sup>Nos dias atuais a organização chama-se Ordem dos Pastores Batistas do Brasil.

*foram galardoados com grandes colheitas. A terra correspondia bem aos esforços desses exilados que, inclusive, podiam contar com o braço escravo, o que já se tornara impossível nos Estados Unidos, em vista da vitória de Lincoln. Nessas condições, já bem assentados nesta segunda pátria, os imigrantes resolveram estabelecer igrejas, a fim de celebrarem o culto evangélico aos domingos.*<sup>64</sup> [grifos meus]

A argumentação deste grupo recebia o apoio de cada vez mais batistas brasileiros encantados com um ideal imaginário de heróis missionários norte-americanos que desembarcaram no país para lançar as primeiras sementes batistas em solo brasileiro. Sob este ponto de vista, Marli Teixeira faz a seguinte declaração ao abordar a questão dos colonos em Santa Bárbara:

*As atividades religiosas que passaram a desenvolver, mantinham-se nos limites do protestantismo de imigração, porquanto restringiam-se a cultos em língua inglesa, assistidos pela população recém chegada. Não mantiveram qualquer relação estável com juntas missionárias Norte-Americanas, mais atraídas naquele momento pelo envio de evangelistas para a África e a Ásia. A primeira igreja organizada em Sta. Bárbara em 10 de setembro de 1871 não resultou do planejamento missionário de nenhuma Missão Batista Americana, mas exclusivamente da necessidade sentida pelos batistas imigrantes de atender os seus anseios espirituais e morais.*<sup>65</sup>

Segundo Marli Teixeira, as conversas e o compromisso entre o grupo missionário batista chegado em 1881 e a Junta de Missões Estrangeiras do Sul dos Estados Unidos era a de um imediato estabelecimento de bases evangélicas, diferente dos colonos de Santa Bárbara que sequer sustentavam uma relação sólida com esta ou qualquer outra junta missionária. Neste sentido, para Marli, já haviam evidências suficientes para encerrar a questão, segundo argumenta: “Colocados nestes termos, os debates ainda hoje desenvolvidos acerca da precedência das igrejas de S. Paulo – Sta. Bárbara e Estação – como iniciadoras do trabalho batista no Brasil, perdem indiscutivelmente sua substância.”<sup>66</sup>

Somado a isto, havia ainda uma argumentação acerca da inconformidade das atividades das duas primeiras igrejas batistas fundadas pelos colonos, a Igreja Batista de Santa Bárbara D’Oeste, que teve suas atividades encerradas em 1988 e a Igreja Batista da Estação, organizada em 02 de Novembro de 1879, gerada pela primeira, que também não registra continuidade histórica de suas atividades. Seguindo esta linha de raciocínio, ambas as igrejas não poderiam ser consideradas como início de algo que não prevaleceu, conforme declara Donald Price, também defensor deste grupo:

<sup>64</sup>PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2º edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 11.

<sup>65</sup>TEIXEIRA, Marli Geralda. **Os batistas na Bahia: 1882-1925**. p. 33.

<sup>66</sup>*Ibid.*, p. 33.

*Os primeiros batistas que aqui chegaram, chegaram como imigrantes, não como missionários. Chegaram depois da guerra civil norte-americana. E queriam vir para uma nação que ainda tivesse escravatura, assim escolheram o Brasil. Todas as igrejas batistas brasileiras têm suas raízes neste trabalho missionário. Não nessas duas igrejas começadas pelos americanos da região de Santa Bárbara e Americana. [...] Essas duas igrejas morreram depois de um tempo. Mas o trabalho batista brasileiro tem suas raízes nesta Primeira Igreja Batista de Salvador.<sup>67</sup>*

Tendo como pano de fundo este desejo de vincular a ideologia missionária ao marco histórico do início do trabalho batista no Brasil, Reis Pereira coloca a relação entre o pastor batista imigrante, Richard Ratcliff, e a Junta de Richmond em termos que sugerem um vínculo inconstante e até mesmo forçadamente inevitável para a junta:

*Esta, organizada com 23 membros, teve como pastor um dos colonos, Richard Ratcliff. Viera como colono, mas era pastor e dez anos antes se apresentara à Junta de Richmond, desejando ser missionário no Oriente. Mas veio a guerra e ele se engajou, mesmo porque a Junta não dispunha de recursos para enviá-lo. Terminada a guerra, veio para o Brasil e se estabeleceu em Santa Bárbara. [...] Essa igreja de Santa Bárbara é a primeira igreja batista estabelecida em solo brasileiro. Era, entretanto, uma igreja de língua inglesa, fundada para servir aos colonos, e que nunca deixou de ser igreja de língua inglesa. [...] **Não era uma igreja missionária.** Percebia, entretanto, a carência espiritual do povo brasileiro. E assim, mais de uma vez, se dirigiu por carta à Junta de Richmond, pedindo-lhe que enviasse missionários para o Brasil.<sup>68</sup> [grifo meu]*

Contudo, se levarmos em conta o critério utilizado por este grupo em relação ao espírito evangelístico missionário e conversionista supostamente ausente nos primeiros batistas em solo brasileiro, nos esbarraremos em certo obstáculo. É possível encontrar no texto de Crabtree uma evidência que aponta para uma intenção na evangelização dos brasileiros por parte destes batistas, mas que por diversos motivos não foi posta em prática:

*A 10 de setembro de 1871, foi organizada a primeira igreja Batista no solo brasileiro. Não obstante a falta de recursos e liderança para iniciar o trabalho evangélico entre os brasileiros, esta igreja prestou um serviço de valor incalculável para a evangelização do Brasil [...] **A igreja neste tempo estava imbuída do espírito missionário e desejava trabalhar na evangelização do Brasil, mas o pastor não tinha os predicados que inspirassem confiança em sua dicção.** Apresentou dois planos para o trabalho entre os brasileiros, porém não foram aceitos pela junta de Richmond.<sup>69</sup> [grifo meu]*

<sup>67</sup>PRICE, Donald. **Assembléia de Deus e Batistas**: um contraste entre dois modelos missionários teológica, ano 3, nº 4, 2º semestre de 2001. p. 39.

<sup>68</sup>PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2º edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 11.

<sup>69</sup>CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil: até o ano de 1906**. Departamento de Estatística e História da Casa Publicadora Batista do Rio de Janeiro, 1937. p. 39-40.

Neste ponto, é importante lembrar que algumas das características que moldam o protestantismo inglês, dos quais estes colonos batistas são fruto, é justamente o messianismo norte-americano<sup>70</sup> e seus ideais salvacionistas. Decorrente disto há o desenvolvimento natural de um espírito de expansão missionária que ocorre a partir do mandato divino. Somado a isto, fica claro que as duas igrejas em São Paulo contribuíram para a fundação da igreja de Salvador em um princípio essencial protestante, ligado a uma compreensão de destinação missionária do Novo Testamento, onde igreja gera igreja. Ainda que nenhuma das duas primeiras igrejas batistas em solo brasileiro tenha desenvolvido suas atividades evangelísticas como planejadas, ou sequer tenham sustentado seus próprios pastores, este texto de Crabtree nos sugere certa intenção por parte dos mesmos e uma expectativa por parte da Junta de Richmond. Assim sendo, embora não tenha logrado êxito em seu trabalho de expansão entre os brasileiros “a igreja de Santa Bárbara, como já vimos, foi usada pela providência de Deus para induzir a Junta de Richmond a iniciar suas atividades missionárias no Brasil”.<sup>71</sup>

Segundo relato no livro de José Reis Pereira, após a chegada dos missionários enviados pela referida junta em março de 1881, estes seguiram para Santa Bárbara onde buscaram estabelecer contato com os batistas norte-americanos que lá estavam, a fim de tomar providências para o aprendizado da língua, e foram recebidos por Antonio Teixeira de Albuquerque, um ex-padre católico que agora era pastor batista.<sup>72</sup> É intrigante a maneira que Reis Pereira se refere ao então pastor Antonio Teixeira, colocando-o no lugar de assessoria aos missionários:

*Reunidos em Campinas, os Bagby e os Taylor, assessorados de quando em quando por Albuquerque, faziam planos para o início de um trabalho batista realmente missionário. Pensavam numa cidade grande em que não houvesse testemunho evangélico ou em que este não fosse ainda suficientemente expressivo. Os dois missionários fizeram uma viagem até o interior de Minas Gerais. Lá, num hotel de Barbacena, puseram um mapa do Brasil no chão e, ajoelhados ao lado dele, imploraram a direção divina para a escolha que precisavam fazer.*<sup>73</sup> [grifo meu]

O autor também deixa claro que Alberto Teixeira de Albuquerque, apesar de ser primeiro pastor batista brasileiro, não era fruto de um trabalho missionário,<sup>74</sup> mas que por sua

<sup>70</sup>AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba, Unimep; São Paulo, Exodus, 1996. p. 143.

<sup>71</sup>CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil: até o ano de 1906**. Departamento de Estatística e História da Casa Publicadora Batista do Rio de Janeiro, 1937. p. 298.

<sup>72</sup>PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2º edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 18.

<sup>73</sup>*Ibid.*, p. 21.

<sup>74</sup>PEREIRA, José dos Reis. **Os batistas fazem oitenta e quatro anos**, O Jornal Batista, 16 de outubro de 1966, edição 42, p.6.

própria vontade procurou uma igreja próxima a si para filiar-se a fé protestante após certa decepção com a fé católica que lhe gerou “abalos na razão e na consciência”.<sup>75</sup>

*Sabendo da existência de batistas na vila próxima de Santa Bárbara, foi até eles e solicitou batismo. Batizou-o um dos pastores-colonos, Robert Thomas. Em seguida foi consagrado ao ministério batista. A menos que surja algum outro dado seguro, foi o primeiro batista brasileiro. Foi também o primeiro brasileiro a ser consagrado ao ministério batista.*<sup>76</sup>

No capítulo de seu livro dedicado aos missionários pioneiros encontra-se a biografia dos cinco fundadores da Primeira Igreja Batista na Bahia, e apesar de referir-se primariamente àqueles que vieram enviados pela Junta de Richmond, insere também a breve biografia do ex-padre com a devida observação de que não encontrara lugar melhor para inserir o relato, deixando claro, mais uma vez, que o foco de sua narrativa está na ação missionária:

*Conquanto este capítulo seja dedicado aos missionários pioneiros, provenientes da América do Norte, não encontramos melhor lugar do que este para inserir breve biografia do brasileiro que a eles se juntou para formar a denodada equipe que iniciou o trabalho batista brasileiro. Antonio Teixeira de Albuquerque (1840-1887).*<sup>77</sup>

### 3.2 AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO BATISTA BRASILEIRO

Tendo por base o ideal imaginário missionário do marco inicial batista, de Reis Pereira, que antes mesmo de escrever o seu principal livro sobre o assunto já propagava a ideia em artigos no *O Jornal Batista*, foram elaboradas e desenvolvidas as ações para a comemoração do Centenário batista brasileiro, que seguindo esta afirmação ideológica de Missão, seria no dia 15 de Outubro de 1982.

As concepções que eram apresentadas nas edições do jornal vinham sendo bem aceitas pela maior parte da comunidade batista que, através das leituras disponibilizadas, construíam junto às suas comunidades de fé um ideário envolta da “grande data batista”.<sup>78</sup> Em razão da não concordância sobre este marco inicial dentro da própria denominação, o tema não era costumeiramente motivo de pauta no jornal, contudo, sob a direção do novo diretor, José dos

<sup>75</sup>ALBUQUERQUE, Antonio Teixeira de. **Três razões por que deixei a igreja romana**. Casa Publicadora Batista, 1951. p. 1.

<sup>76</sup>PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2º edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 20.

<sup>77</sup>*Ibid.*, p. 19.

<sup>78</sup>Esta é a exata expressão que estampa a primeira página do *O Jornal Batista* na edição do dia 18 de outubro de 1964, a primeira vez que o tema é abordado pelo então diretor José dos Reis Pereira.

Reis Pereiras, o tema aparece com muito mais frequência e intencionalmente abordado como uma posição oficial já estabelecida:

*Com Reis Pereira na posição de editor do jornal oficial da denominação, a partir da edição de 18 de outubro de 1964, este tema começa a ocupar anualmente a primeira página do jornal, trazendo sempre a biografia de um dos missionários pioneiros ou a história da chegada dos missionários ao Brasil e a fundação da Primeira Igreja Batista da Bahia.<sup>79</sup>*

Assim, valendo-se de sua influência no *O Jornal Batista*, como porta-voz da instituição, investe na construção da ideologia missionária e enfatiza a data de 1882, que para ele deveria ser a data que todo bom batista brasileiro deveria ter na memória<sup>80</sup>, chegando a sugerir, em um dos artigos sobre o início do trabalho batista no Brasil, que o dia 15 de outubro deveria ser considerado o Dia Batista do Brasil. Posteriormente, oficializou a sugestão em proposta na Assembleia da Convenção Batista Brasileira de 1968:

*Que a data de 15 de outubro de 1882, quando foi fundada pelos missionários William e Ana Bagby, Zacarias e Kate Taylor e pelo ex padre Antônio Teixeira de Albuquerque, a Primeira Igreja Batista da Bahia, seja considerada, oficialmente, a data do início da obra batista brasileira.<sup>81</sup>*

No dia 15 deste mesmo ano foi aprovada a proposta apresentada à Comissão de Assuntos Eventuais, e validada no ano seguinte, na Assembleia de 1969, em Niterói. Durante este período de um ano quaisquer objeções poderiam ser apresentadas quanto à decisão, sendo ainda condicionada a uma comissão avaliadora. Tendo por relator o próprio autor da proposta, José dos Reis Pereira, a comissão emite o parecer sobre o assunto afirmando que a aprovação da proposta constituirá um pronunciamento desta Convenção no momento em que se faz mister a afirmação de nossos princípios e nossa ortodoxia.<sup>82</sup> Era clara a consciente intencionalidade de sua atuação desde a apresentação da ideia até a decisão final.

A partir da decisão homologada sobre o marco inicial batista, os periódicos do *O Jornal Batista* passaram a dar ênfase na abordagem missionária, destacando o espírito missionário que moveu os cinco pioneiros e incentivando generosas comemorações para a data do Centenário. Percebendo a aceitação e a projeção dada à ideologia missionária, Reis Pereira faz a seguinte declaração em uma das edições do jornal em 1972:

<sup>79</sup>SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: historia e religião na America Latina à partir de Michel de Certeau**. 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 57-58.

<sup>80</sup> PEREIRA, José dos Reis. **Os batistas fazem oitenta e quatro anos**, *O Jornal Batista*, 16 de outubro de 1966, edição 42, p.1

<sup>81</sup> CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *Anais*, 1968. Rio de Janeiro: JUERP. p. 78.

<sup>82</sup>*Ibid.*, p. 78.

*Agora observamos, com alegria, que a idéia encontrou receptividade em nosso povo e que, ano após ano, as comemorações vão aumentando. [...] O nosso primeiro pensamento é de gratidão a Deus, que abençoou a pequenina semente lançada por Bagby Taylor, e Albuquerque, dela resultando a árvore frondosa que é a Denominação Batista Brasileira.*<sup>83</sup>

Assim, nos anos seguintes são dadas algumas orientações para as igrejas em razão das comemorações. Foram indicadas súplicas em favor da conservação daquele espírito missionário dos pioneiros para que não se perca a visão da propagação do evangelho, que segundo ele, era o segredo do progresso dos batistas desde os seus primórdios. Através dos periódicos também são dadas sugestões de programações a serem realizadas e programas para a comemoração da data, sempre divulgadas junto a uma biografia dos missionários pioneiros e relatos sobre a fundação da igreja da Bahia. Em concordância com esta abordagem, o então secretário da redação do Jornal elucida a necessidade da definição do marco inicial:

*Um povo que não tem história, que não tem santos, que não tem mártires, que não tem sábios, que não tem grandes homens é um povo infeliz. Nós, porém, temos homens, homens que merecem a nossa admiração e a nossa gratidão [...] Nós, porém, temos datas, datas que determinam marcos na história batista no Brasil. Reverenciemos neste DIA BATISTA DO BRASIL à memória de nossos pioneiros, procurando moldar nossas vidas no espírito que eles tiveram.*<sup>84</sup>

Motivada pela influência do primeiro congresso missionário realizado pela denominação em 1971 que apontava a necessidade de planejamentos globais para a obra batista, a Junta Executiva da Convenção<sup>85</sup> encarregou-se de preparar um plano integrado para as comemorações do Centenário. Assim, foi desenvolvido um forte plano com ênfase em missões e evangelismo, além de alvos numéricos a serem alcançados até a data comemorativa em 15 de outubro de 1982. Neste ano, a ênfase seria o louvor e gratidão. Entre os alvos gerais a serem alcançados previa-se 6.600 igrejas batistas e 1.000.000 de membros, além da publicação de uma nova história dos batistas no Brasil.<sup>86</sup> A respeito dos alvos comemorativos, Reis Pereira escreve em uma das edições do jornal em 1972:

<sup>83</sup> PEREIRA, José dos Reis. **O dia batista do Brasil: homenagem aos fundadores**, O Jornal Batista, 15 de outubro de 1972, edição 42, p.1.

<sup>84</sup> AMARAL, Othon Ávila. **Evocações Históricas**, O Jornal Batista, 14 de outubro de 1973, edição 41, p.1.

<sup>85</sup> Nos dias atuais a organização chama-se Conselho de planejamento e Coordenação. Formado por representantes estaduais e executivos, é responsável por coordenar as atividades da Convenção Batista Brasileira.

<sup>86</sup> SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: história e religião na América Latina à partir de Michel de Certeau**. 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 64.

*Faltam agora apenas 10 anos para comemorar o nosso Primeiro Centenário. A Convenção Batista Brasileira tem um plano para o Decênio [...] Seria ótimo ver a Denominação inteira no Brasil procurando dar um gigantesco passo à frente durante esses dez anos. Um alvo numérico já foi proposto: um milhão de membros em nossas Igrejas, isto é mais do que o dobro do que temos agora. É um alvo arrojado mas não impossível de atingir. Nós o atingiremos se [...] entendermos que a evangelização é a tarefa principal de nossas igrejas.*<sup>87</sup>

Foram 10 anos dos mais intensos para os batistas brasileiros, que entusiasmados com a afirmação do ideal dos missionários pioneiros, tornaram o ano do centenário o centro das atenções em todos os setores da vida denominacional, intencionando ganhar cada vez mais adeptos às suas igrejas, sempre lembrados que todo batista deveria ser um missionário e levar a sério a obra da evangelização. Ainda que em 1982 os alvos numéricos não tenham sido alcançados, a ideia de mobilizar o país para as comemorações obteve seus frutos, pois “a Assembleia da Convenção realizada em 1982, em Salvador, foi a maior da história em relação ao número de inscritos”.<sup>88</sup>

Pela ocasião do então Centenário muitas ações foram desencadeadas, *O Jornal Batista* trazia em suas páginas demonstrativos de crescimento das igrejas, além de poemas e artigos que destacavam a importância do tema. As igrejas foram motivadas a elaborar vigílias locais no dia 31 de dezembro de 1981 como lançamento do oficial do ano do centenário. Foi sugerida a confecção de um selo comemorativo e um diploma de participação para os inscritos na Convenção daquele ano. Também foram oferecidas placas participativas para as igrejas que cooperaram com a corrida da “Tocha do amor”,<sup>89</sup> e até uma prova esportiva foi promovida com a participação de Kenneth Cooper, a chamada “*A corrida do Século*”. Na área da música foi preparado um hinário de autores brasileiros e um hino oficial intitulado “*Batistas em Marcha*”. Todo o esforço visava demarcar o crescimento e o progresso dos batistas no Brasil a partir dos esforços missionários, primeiro dos cinco pioneiros e depois de todos os convertidos que vinham ser fruto do trabalho deles, como podemos ver na publicação de Samuel de Oliveira Santos em uma das edições daquele ano no *O Jornal Batista*:

*Olhamos a trajetória. O rastro dos pioneiros a nos desafiar a que sigamos as suas pegadas. O exemplo de fé e coragem que nos legaram. A denominação que nos construíram, semeando com gemidos e lágrimas no alvorecer [...] OS CINCO de 15 de outubro de 1982(sic). Heróis da fé! Viam o invisível. E naquela primeira igreja que estabeleceram, estava a semente da árvore que estenderia os seus ramos. [...]*

<sup>87</sup> PEREIRA, José dos Reis. **O dia batista do Brasil: homenagem aos fundadores**, *O Jornal Batista*, 15 de outubro de 1972, edição 42, p. 1.

<sup>88</sup> SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: história e religião na América Latina à partir de Michel de Certeau**. 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 66.

<sup>89</sup> Campanha que reproduzia a corrida realizada antes dos jogos olímpicos para difundir o ideal missionário. A tocha saiu de Jerusalém, passou por Londres e Richmond até chegar em Salvador no dia 15 de outubro.

*Olho para frente e vejo o Centenário. TRÊS MIL Igrejas, filhas daquela Primeira igreja. SEISCENTOS MIL batistas, filhos daqueles CINCO pioneiros. [...] O Brasil Batista tem as suas vistas voltadas para a Bahia, palco das comemorações do Centenário. [...] O centenário não é de uma igreja. Nem dos batistas baianos. O centenário e da Denominação, porque naquela primeira igreja de 15 de outubro de 1882, nascia a Denominação Batista do Brasil. Por isso é que na Bahia estarão em outubro de 1982, os batistas do Brasil, desde a heróica Primeira Igreja Batista do Brasil, até a última, aquela que houver sido organizada à véspera do Centenário [...] Caminhemos o mesmo caminho da fé dos Pioneiros.<sup>90</sup>*

É ainda neste contexto que surgiria, também como um alvo para as comemorações, a proposta do lançamento do livro de José dos Reis Pereira sobre a história dos primeiros cem anos de trabalho batista no Brasil, evidentemente contados a partir de 15 de outubro de 1882. Conforme argumenta: “É muito próprio que, nas comemorações do Centenário da fundação da Primeira Igreja Batista Brasileira, seja publicada esta síntese histórica de um século de trabalho batista no Brasil.”<sup>91</sup> A solicitação é registrada em 1981, apenas um ano antes de sua divulgação. Esta obra seria uma parte fundamental para um novo registro historiográfico da afirmação ideológica missionária dos batistas do Brasil.

*A conveniência de sugerir a esta Assembléia que, além do filme do Centenário, providencie a publicação de um livro, ainda que pequeno e em linguagem acessível e ilustrado com fotografias e dados mais importantes sobre nossa história centenária, para a venda em 1982 durante a Assembléia Convencional e depois, em todas as livrarias.<sup>92</sup>*

Posto isto, ficam claras as intenções da obra historiográfica, o que deixa margem para certa insegurança em relação à parcialidade da publicação. O texto é elaborado em um contexto claro de celebração e afirmação ideológica. O próprio autor reconhece a insuficiência de fontes para a pesquisa, solicitando a ajuda de leitores do *O Jornal Batista* para que lhe enviassem materiais que pudessem ajudá-lo:

*Mas sou o primeiro a reconhecer suas falhas. Muitas delas se devem à escassez de documentos e à insegurança das informações. Tenho, entretanto, a esperança de que esta publicação venha a ser estímulo para jovens brilhantes e capazes, que visam cursos de mestrado e doutorado. E assim, como resultado de seus esforços poderemos ter, em breve futuro, obra mais completa.<sup>93</sup>*

<sup>90</sup> SANTOS, Samuel de Oliveira. **Na Marcha da fé rumo ao centenário batista**, O Jornal Batista, 27 de dezembro de 1981, edição 52, p.7.

<sup>91</sup> PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2º edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 1.

<sup>92</sup> CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Anais, 1981. Rio de Janeiro: JUERP. p. 325.

<sup>93</sup> PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2º edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 1.

Ainda assim, para ele, não eram as fontes o problema maior, pois julgava ter toda a matéria na cabeça por ter dado aula tanto tempo sobre o tema<sup>94</sup>, o que inculca a ideia de que o texto final da obra seria, na verdade, uma grande compilação daquilo que o próprio autor escrevera durante seus anos como professor e redator no jornal da denominação. Para ele, o problema estava no curto prazo que teria para a escrita do texto, o que foi feito em dois meses. Tal como já relatava nos periódicos do jornal, Reis Pereira travou uma luta contra o tempo para a produção do trabalho sob muita pressão, o que o levou a pedir 15 dias de licença da igreja que pastoreava. Apenas seis meses antes da publicação oficial, escreve no periódico publicado em abril de 1982

*Estamos em plena faina escrevendo uma história dos batistas brasileiros nestes cem anos de experiências do trabalho batista no Brasil. Nosso objetivo é tê-la pronta a tempo de ser impressa e entregue ao povo antes do mês do centenário [...] Nestes dias além do que temos que preparar para o jornal, não teremos tempo para escrever outra coisa senão o livro. Com ele dormimos, sonhamos, acordamos, comemos e andamos... Tem que ser assim, a fim de que fique pronto a tempo.*<sup>95</sup>

Nas primeiras páginas da obra finalizada e publicada, deixa bem clara a sua dificuldade em relação ao concílio de suas atividades habituais e a elaboração do livro:

*Agradeço a Deus ter-me dado as forças necessárias para que, sem deixar as diversas atividades em que estou envolvido, pudesse escrever estas páginas, dentro do Ano do Centenário. Agradeço também a oportunidade de conviver em imaginação com os gigantes da fé que moldaram a vida batista brasileira. E a Deus suplico que use este livro para a edificação de muitos.*<sup>96</sup>

Assim sendo, é possível observar que o livro *História dos batistas no Brasil 1882-1982*, de Reis Pereira, tinha como ponto de partida uma imponente decisão institucional pré-estabelecida e, portanto, não tinha preocupações com novas descobertas. Oposto a isto, a obra buscava a reafirmação de uma ideologia já existente, e a partir dela, concebiam-se a construção de um registro historiográfico.

### 3.3 BETTY ANTUNES DE OLIVEIRA E O RESGATE HISTÓRICO-RELIGIOSO MIGRATÓRIO

<sup>94</sup> SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: história e religião na América Latina à partir de Michel de Certeau**. 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 75.

<sup>95</sup> PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas brasileiros: um pedido**, O Jornal Batista, 11 de abril de 1982, edição 15, p. 1.

<sup>96</sup> PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2º edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 2.

Descendente de imigrantes alemães e norte-americanos, em especial do pastor Robert Porter Thomas, o homem que batizou o primeiro brasileiro, Betty iniciou sua pesquisa por motivos pessoais. A pesquisadora da história dos confederados e membro da Fraternidade de Descendência Americana, fundada em 1954 com o objetivo de preservar a memória da colônia, interessou-se pela história de seu bisavô materno, que havia batizado e consagrado o primeiro pastor nacional do Brasil,<sup>97</sup> o ex-padre brasileiro Antonio Teixeira de Albuquerque, em 1880. Betty encontrou, em um antigo baú, documentos e jornais antigos que apontavam para uma parte quase esquecida da história dos batistas, os colonos de Santa Bárbara D'Oeste, ainda desconsiderados pela denominação como iniciadores do trabalho batista no país.

O achado tornou-se motivo de sua pesquisa por cerca de dezoito anos, onde recolheu materiais sobre a trajetória de seus antepassados. Pesquisa esta que contestou a narrativa que se oficializava na época, pois Betty compreendeu ser de grande relevância o conteúdo que tinha em mãos. Muito mais que a genealogia de sua família, os documentos abrangiam a história do início de uma denominação. Por consequência, em 1966 a jornalista publica seu achado pela primeira vez em um artigo no *O Jornal Batista* sob o título “*No Primeiro Centenário dos Pioneiros Norte-Americanos*”:

*O começo do trabalho batista no Brasil teve início com parte dessa colônia americana [...] Muito, ainda, há de se escrever sobre os resultados da vinda daquelas famílias americanas para o Brasil [...] Por causa do grupo de batistas, vieram os missionários Bagbys e depois outros. Que sementeira magnífica! Aquela “Fisrt Baptist Church Os Brazil”, organizada no coração de São Paulo não existe mais. Foi a semente que posta na terra, morreu, para dar vida a tantas outras! [...] Deveríamos dar mais importância àquilo que pertenceu aos nossos antepassados.”<sup>98</sup>*

Nesta publicação, Betty descreve a sua primeira visita ao Cemitério do Campo, em Santa Bárbara, onde está o túmulo de seu bisavô. A matéria foi estímulo para o início dos questionamentos daqueles que não compartilhavam da narrativa oficial apresentada pela denominação. A abordagem do resgate histórico-religioso recebeu o apoio de outros escritores do jornal, como o pastor Ebenézer Cavalcanti, líder respeitado da Convenção Batista Brasileira, que teve importante participação na visibilidade do trabalho iniciado por Betty.

<sup>97</sup> SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 444.

<sup>98</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes de. **No Primeiro Centenário dos Pioneiros Norte-Americanos**. *O Jornal Batista*. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1966, edição 48, p. 1.

Os que defendiam a igreja fundada a partir dos colonos como o marco inicial batista no Brasil tem a sua argumentação baseada no protestantismo de imigração<sup>99</sup>, que ocorreu a partir do século XIX no Brasil, com a abertura dos portos ao comércio inglês e posteriormente o incentivo governamental para a imigração européia. Entre os batistas, está vinculado à vinda de confederados sulistas derrotados da Guerra de Secessão nos E.U.A, que imigraram em cerca de 900 pessoas e formaram colônias em várias partes do Brasil, a maior delas instalou-se em São Paulo, mais especificamente em Santa Bárbara. Dentre estes, estavam aqueles que fundariam a Igreja Batista de Santa Bárbara D'Oeste e a Igreja Batista da Estação, que percebendo os aspectos favoráveis para um trabalho missionário mais efetivo contataram a Junta de Richmond solicitando um apoio mais efetivo. Este apoio foi recebido pouco tempo depois com a chegada de duas famílias missionárias, os Bagby e os Taylor.

Os defensores da teoria apresentada por Betty alegavam ainda que os quatro missionários pioneiros que fundaram a igreja na Bahia haviam pertencido anteriormente à igreja em Santa Bárbara:

*Os quatro missionários pioneiros [Bagby e Taylor] pertenceram à Igreja Batista de Santa Bárbara, que fora organizada em 19-9-1971, na província de S. Paulo, efetivamente a primeira do Brasil, se adotamos o critério denominacional e não o frágil critério puramente nacional. A ela não pertencera Antônio Teixeira de Albuquerque, e sim à Segunda Igreja Batista no Brasil, conhecida como a igreja da Station, ou melhor: “o TEIXEIRA foi membro da Igreja da Estação de Sta Bárbara”, também em S. Paulo, como consta da retificação da primeira ata (sessão de 10-5-1883). Aquela segunda igreja fora organizada em janeiro de 1879. Aquelas igrejas merecerão, oportunamente, um estudo à parte, inclusive para que se desfaça um dos nossos piores equívocos históricos.<sup>100</sup> [grifos meus].*

É possível observar que este grupo tem a preocupação do resgate histórico, a partir de fontes primárias, buscando entre os registros daqueles imigrantes e partindo deste lugar hermenêutico para a construção da historiografia, dando espaço e valor para novas descobertas acerca do tema. Ainda sobre o assunto, mais tarde, o pastor Ebenézer escreve:

*Ainda vivemos sob um clima de emocionalismo e sentimentalismo assaz provinciano e fátuo [...] Quando morrerem todos os patriotas nacionalistas, brasileiros e norte-americanos, se eu sobreviver a eles, proporei à Convenção Batista Brasileira que **RETIFIQUE o lamentável equívoco de apagar mais de dez anos de História Batista no Brasil.** [...] De todas as relíquias dos pioneiros [...] vale um marco histórico indestrutível no tempo e no espaço: 10 DE SEMTEMBRO*

<sup>99</sup> Protestantismo que se formou a partir do fenômeno migratório na América Latina. Neste fenômeno étnico a preservação da cultura e idioma é uma das características fundamentais. No plano institucional, aparece vinculado a igrejas do país de origem.

<sup>100</sup> CAVALCANTI, Ebenézer. **Antônio Teixeira de Albuquerque até 1886.** O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1967, edição 48. p. 5-6.

*de 1870(sic), data inquestionável da fundação da Primeira Igreja Batista no Brasil. [...] Não foi batista a Igreja Batista de Santa Bárbara? Não foi ela a primeira a ser organizada no Brasil (não só no solo, mas na nação, sob as leis do império do Brasil), e não é verdade que isto ocorreu no dia 10 de setembro de 1871? E então? Voltemos ao berço se somos historiadores e não meros historiógrafos.*<sup>101</sup>  
[grifos meus]

Nesta mesma edição deu-se a reação do principal defensor do marco batista a partir da ideologia missionária de 1882, Reis Pereira, que prometeu explicações na próxima edição do jornal sobre os motivos pelos quais havia-se aprovado esta posição como a oficial. O motivo da urgência em rebater o artigo era óbvio, a comemoração do centenário para os adeptos desta nova posição emergente, o que traria problemas na preparação do centenário que já estava em andamento e das comemorações que aconteceriam em cerca de 10 anos. Tal como prometera, na edição seguinte, de 19 de setembro de 1971, Reis Pereira respondeu o questionamento do PR Ebenézer criticando a objeção feita fora do prazo estabelecido para a apresentação de contestações, antes que a proposta fosse homologada na Assembleia da Convenção de 1969 e reafirmando os pontos do ideal missionário.

No dia 3 de outubro daquele mesmo ano, *O Jornal Batista* publicou a cobertura do centenário da Igreja Batista em Santa Bárbara, na primeira página, sob a responsabilidade do PR João Falcão Sobrinho, um artigo problemático para a posição oficial:

*Embora os batistas brasileiros reconheçam 15 de outubro de 1882, data da organização da primeira igreja batista brasileira, na Bahia, como a data batista do Brasil, rendemos nossa profunda homenagem Àquele punhado de desbravadores que no dia 10 de setembro de 1871, há um século, fundaram uma igreja batista em solo brasileiro, que foi a semente, o instrumento de Deus para o início desta epopéia missionária de que, por Sua misericórdia, todos somos participantes. Foi, pois, com a alma enternecida pela gratidão e o coração reverente de saudade e respeito, que participamos da celebração do centenário da organização da primeira igreja batista em solo brasileiro, na bela sexta-feira, 10 de setembro de 1971.*<sup>102</sup>  
[grifos meus]

Claramente havia um grupo contrário a decisão oficial que se manifestava enfaticamente favorável à tese de Betty Antunes de Oliveira e se valiam de suas pesquisas para embasar as objeções. Especialmente os dois articulistas do jornal, PR Ebenézer Cavalcânti e PR Falcão Sobrinho, traziam certo incômodo ao então editor do jornal, PR José dos Reis Pereira, quanto aos seus planos para a celebração do centenário batista em 1982.

<sup>101</sup> CAVALCÂNTI, Ebenézer. **Um centenário batista no Brasil**. O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1971, edição 37. p. 4-5.

<sup>102</sup> SOBRINHO, João Falcão. **Um século depois**. O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1971, edição 40. p. 1-2.

Ainda assim, como vimos anteriormente, os planos para a celebração foram à frente e maior parte deles se concretizaria conforme previsto.

Dentro dos dez anos seguintes, durante as preparações para o centenário que seria comemorado de acordo com a chegada dos missionários enviados pela Junta de Richmond, muitos pronunciamentos e declarações foram publicados acerca do marco inicial batista. Enquanto alguns ainda seguiam as orientações oficiais de forma tenaz, omitindo e até mesmo suprimindo as contestações emergentes, outros passaram a considerar a tese de Betty Antunes, como colaborador direto de Reis Pereira e também historiador, Othon Ávila de Amaral que escreveu no *O Jornal Batista* em 1975:

*Admitimos, inclusive reconsiderando posição anterior, que o Pastor Robert Porter Thomaz, bisavô de nossa Betty Antunes de Oliveira, tenha sido realmente o batizador do primeiro batista brasileiro [o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque]. [...] O primeiro pastor e batista brasileiro pertenceu a três igrejas batistas: 1 – Igreja Batista da Estação, na Colônia de Santa Bárbara, organizada no dia 5 (domingo) de Janeiro de 1879; 2 – Primeira Igreja Batista do Brasil, organizada no dia 15 de Outubro de 1882 e, 3 – Igreja Batista de Maceió, organizada no dia 17 de Maio de 1885. Foi, aliás, o primeiro Pastor desta última.<sup>103</sup> [grifo meu]*

Como vemos, a tese levantada por Betty ganharia apoio nos anos antecedentes à comemoração do centenário, contudo, ainda assim, as investidas do grupo não foram suficientes para fazer frente ao que já fora estabelecido, deixando claro que todas as tentativas de se questionar a decisão oficial seria combatida. Não havia interesse em rever a questão, pois abrir mão do ideal missionário significaria abrir mão de todo um projeto que já havia sido elaborado para o decênio do Centenário.<sup>104</sup> Apesar disto, a falta de consenso geral seguiu trazendo certo desconforto para a denominação, e o grupo desatendido, especialmente a autora da tese, não estagnaram em seus esforços e suas pesquisas.

*Betty, porém, não desanimou. Dotada de extrema paciência e confiança, não quis entrar em polêmicas desnecessárias, mas nunca desistiu de tentar apresentar os resultados de suas pesquisas, apesar de todos os impedimentos. Quando surgia alguma abertura, ela a utilizava; quando não, continuava silenciosamente seu trabalho, divulgando-o por conta própria, pois “sempre teve plena certeza que nenhum poder é eterno e que o tempo faria valer os fatos históricos apresentados, independentemente de sua própria voz e/ou sua vontade, ou da vontade de quem quer que seja”.<sup>105</sup>*

<sup>103</sup> AMARAL, Othon Ávila. **Antônio Teixeira de Albuquerque: o primeiro metodista e batista do Brasil.** O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1975, edição 4, p. 7.

<sup>104</sup> SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: história e religião na América Latina à partir de Michel de Certeau.** 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 95.

<sup>105</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes de (filha). **Alguns comentários sobre a tese de doutorado de Alberto Kenji Yamabuchi: o debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil. Uma análise das relações e**

Até que então, em 2003, a Convenção Batista Brasileira, em sua 83ª Assembleia, criou uma comissão para reavaliar a questão da data inicial batista no Brasil: 10 de setembro de 1871 ou 12 de outubro de 1882. No ano seguinte, a Assembleia deu seu parecer definitivo após o prazo para contestações:

*1. “Que reconhecamos a data de 10 de setembro de 1871 como a data de início do trabalho batista no Brasil, com a organização da Igreja Batista de Santa Bárbara d’Oeste, que gerou a segunda igreja, a Igreja Batista da Estação, em 02 de Novembro de 1879”. 2. “Que reconhecamos a importância da data de 15 de Outubro de 1882, com a organização da Primeira Igreja Batista da Bahia, quando novo impulso foi dado ao trabalho batista no Brasil, para alcançar, com sucesso, os brasileiros”. Assim, reconhecemos que a inserção do trabalho batista no Brasil se deu por duas vias: a via da imigração (1871) e a via de missão (1882). [...] Entre os itens do relatório do Conselho Geral é importante destacar a questão da definição do marco inicial do trabalho batista no Brasil. **Depois de mais de cinco anos de estudo do grupo de trabalho, o parecer encaminhado à Assembléia foi aprovado por uma maioria esmagadora.** Definiu-se que o início da presença batista em terras brasileiras foi em 1871 com a igreja em Santa Bárbara do Oeste. Desta forma, a comemoração do sesquicentenário dos Batistas Brasileiros será em setembro de 2021.<sup>106</sup>[grifos meus]*

Sendo proposta aceita e homologada em 2009, durante a 89ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira, em Brasília, a tese de Betty Antunes de Oliveira oficialmente substituiu a decisão de 1969, após cerca de quarenta anos de suas primeiras investidas. Certamente, o trabalho de seu livro “*Centelha em Restolho Seco*” influenciou as decisões tomadas pela comissão, especialmente pela sua forma de escrita acadêmica, científica e documental que denota credibilidade e autenticidade em suas conclusões.

#### 4. O TRABALHO DE DONA BETTY: A PESQUISA E O LIVRO

Apesar de um resultado final favorável à sua tese, o caminho percorrido por Betty não foi fácil. O êxito foi conquistado após anos de pesquisas, décadas de embates dentro da denominação e inúmeros confrontos que foram, em sua maioria, estimulados por motivações fundamentadas em questões de gênero e poder. Além do mais, sua conquista trouxe

---

*dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasil dos anos 1960-1980*, defendida na UMESP, em março de 2009, p. 2.

<sup>106</sup>“**Marco inicial é definido**”, O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 2009, edição 5. p. 9.

repercussões para além de sua contribuição unicamente historiográfica. A determinação demonstrada pela historiadora trouxe questionamentos a cerca da emancipação e visibilização das mulheres, batistas ou não. Seu feito trajou um grande significado para a afirmação feminina no meio institucional, exteriorizado através de sua participação efetiva na produção de conhecimento na área de história dos batistas brasileiros, desafiando a hegemonia masculina na produção do saber.

#### 4.1 CONTORNOS E DESFECHOS DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA FAMILIAR

Como frutos da pesquisa de Betty Antunes de Oliveira, em razão do início do trabalho batista no Brasil, nasceram os livros: *Movimento de Passageiros Norte Americanos no Porto do Rio de Janeiro de 1985-1980* (1982), *Biografia de Antônio Teixeira de Albuquerque, o primeiro Pastor Batista Brasileiro – 1880* (1982), *North American Immigration to Brazil. Tombstone Records of the Campo Cemetery, Sta. Bárbara, SP* (1978), *Do Arado ao Cajado (Biografia do Pastor Ricardo Pitrowsky)*, 1991 (inédito) e *Centelha em Restolho Seco, uma contribuição para a História dos Primórdios do Trabalho Batista no Brasil* (1985).<sup>107</sup> Todos estes, com exceção da segunda edição de “*Centelha em Restolho Seco*” foram lançados e publicados com seus próprios recursos.

Para mais, a historiadora também escreveu artigos para *O Jornal Batista* e a *Revista Teológica* do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, além de impressos na área de imigração norte-americana e alemã para Santa Bárbara Do Oeste e Rio Grande do Sul com contribuições para a genealogia e história de famílias, organização biográfica e coleta de dados.<sup>108</sup> Tendo sido reconhecida por importantes instituições como a Academia Evangélica de Letras do Brasil, o Colégio Brasileiro de Genealogia do Rio de Janeiro e a Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia de São Paulo, onde recebeu título de Membro Titular.

Em uma de suas obras, que surgiu a partir do interesse de se saber mais sobre a imigração norte-americana pro Brasil, Betty Antunes faz um registro daqueles que foram enterrados no Cemitério do Campo, em Santa Bárbara Do Oeste, que recebeu presbiterianos, metodistas e batistas. Para a lei imperial brasileira vigente na época, estes não poderiam ser enterrados nos cemitérios oficiais do país por não confessarem a fé católica romana. Neste

<sup>107</sup>SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: historia e religião na America Latina à partir de Michel de Certeau**. 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 86.

<sup>108</sup>*Ibid.*, p. 86.

livro, fica clara a importância deste grupo de americanos para a autora que dedica a obra à memória dessas famílias e de seus descendentes espalhados pelo país. Assim escreve seu esposo, Albérico Antunes de Oliveira, no sumário do livro:

*O pensamento da autora Betty Antunes de Oliveira, em publicar este trabalho, é que ele seja recebido com carinho, IN MEMORIAM daqueles que enfrentaram com destemor, o futuro desconhecido, e, numa pátria irmã plantaram a semente da boa política da educação, cultura, de fé, de novos métodos de agricultura, e, por fim, da amizade.*<sup>109</sup>

Embora tenha publicado um artigo intitulado “No Primeiro Centenário dos Pioneiros Norte Americanos”, no *O Jornal Batista*, ainda em novembro de 1966 (dezoito anos antes das comemorações oficiais do Centenário que enfatizava o ideal missionário de 1882), onde narra sua visita ao Cemitério do Campo e questiona o que já vinha sendo afirmado no jornal há algum tempo, foi apenas em 1985 que Betty Antunes realiza a publicação de seu principal livro sobre o assunto, *Centelha em Restolho Seco*. Uma obra densa de 768 páginas, recheada de documentos inéditos reunidos pela autora, além de descobertas que enriqueceram a história não apenas da denominação batista, mas de uma época da história brasileira. “Para Betty, os fatos históricos sobre o início do trabalho batista no Brasil precisavam ser conhecidos e analisados, em sua cronologia e significância, dentro das circunstâncias contextuais” (SALVIANO, 2014, p. 469.)<sup>110</sup>, e era direito de todo batista brasileiro ter acesso a este conteúdo que se baseava em uma reconstrução fatural, a partir dos imigrantes norte-americanos estabelecidos em Santa Bárbara, para que a história da denominação pudesse ser revista sob a ótica de um processo histórico transcorrido. “O começo do trabalho batista no Brasil teve início com parte dessa colônia americana. [...] Muito, ainda, há de se escrever sobre os resultados daquelas famílias americanas para o Brasil.” (OLIVEIRA, 1966, p.1).<sup>111</sup>

O livro que ganhou o prêmio Areté da Associação Brasileira de Escritores Cristãos de 2005 encontrou grandes desafios até finalmente chegar à sua publicação. Tendo finalizado suas pesquisas, iniciadas quase duas décadas antes, Betty buscou o apoio da editora oficial da denominação, a Juerp, como fizera Reis Pereira, contudo, não houve qualquer interesse por parte da liderança da denominação para com sua pesquisa. Imposta esta barreira, a autora precisou levantar seus próprios recursos, recebendo, inclusive, o apoio de pessoas que

<sup>109</sup>OLIVEIRA, Betty Antunes de. **North American immigration to Brazil: tombstone records of the “campo” cemetery**. Brasília, Graf. do Senado Federal, 1978. p. 65.

<sup>110</sup>SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 469.

<sup>111</sup>OLIVEIRA, Betty Antunes de. No Primeiro Centenários dos Pioneiros Norte Americanos, *O Jornal Batista*, 27 de Novembro, edição 48, p. 1.

seguiram outras religiões<sup>112</sup> para a publicação da primeira edição que aconteceu na Capela do Seminário do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, em novembro de 1985.

O livro desafiou uma hegemonia de quase 60 anos de tradição denominacional e trouxe uma nova interpretação sobre o marco inicial do trabalho batista no Brasil. O feito de Betty foi surpreendente se considerarmos toda a trajetória histórica da posição oficial. Trata-se de uma transgressão, um enfrentamento inesperado<sup>113</sup> que logrou êxito em alterar um antigo e convencional pressuposto, além de embasar novas discussões a partir de um resgate documental histórico-religioso daqueles imigrantes. Nas declarações da contra-capa podemos perceber a despreensão do início das pesquisas:

*Era uma vez... um baú velho, coberto de poeira, perdido num sótão de uma casa velha, no meio do canavial. Os marimbondos e as aranhas, conviviam no meio das latas, paus e diversos objetos em desuso e sujos, que, por ali, se encontravam amontoados. Dentro do baú, estavam jornais e papéis velhos, bem antigos. Entre eles, havia um, com os dizeres: “John-Welsh. Ferebe-Irish”. Era só, mas o bastante para fazer pulsar com profunda emoção e curiosidade o coração de uma senhora, de cabelos grisalhos e de olhos azuis, que sobre o baú se debruçava perspicazmente. Não era a última vez que isso iria acontecer à jornalista Betty Antunes de Oliveira. Aquele papel com os nomes John e Ferebe, seria a pista que a levaria ao mundo fascinante da pesquisa. A ação de procurar documentos e dados antigos, passaria a ser um dos grandes alvos de sua vida, nos dezenove anos que se seguiriam. Muitos outros fragmentos do passado começaram então a ser reunidos, formando uma linha histórica bem mais abrangente e significativa do que pretendia um pequeno projeto inicial de pesquisa genealógica. Centelha em Restolho Seco é o resultado deste esforço.<sup>114</sup>*

Esta singela origem da investigação foi fundamental para as principais diferenciações entre sua pesquisa e a narrativa historiográfica oficial apresentada pela denominação. Isto porque em lugar de partir da exaltação do ideário de um espírito missionário batista, parte de um resgate histórico familiar que buscava recuperar fragmentos que pudessem recontar a trajetória de uma comunidade de emigrados norte-americanos. Antes da confecção do livro, dona Betty intencionava construir um livro sobre sua família com um capítulo dedicado à biografia do primeiro pastor batista do Brasil, aquele que fora batizado e consagrado por seu bisavô materno. Segundo Betty encontra em registros documentais, o Pastor Antônio Teixeira era brasileiro, falava português e já exercia seu ministério na Igreja Batista de Santa Bárbara e

<sup>112</sup>Um empresário libanês, possivelmente seguidor do espiritismo, se interessou pela pesquisa e ofereceu toda a ajuda necessária para a publicação. (entrevista concedida a Alberto Kenji. [por telefone]. São Caetano do Sul, SP. 21 fev 2006. 16h:50m). Segundo consta na página 94 da tese de doutorado do entrevistador, intitulada “O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil”.

<sup>113</sup>YAMABUCH, Alberto Kenji. **O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980.** São Bernardo do Campo, SP, 2009. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. p. 70.

<sup>114</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco: Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil.** 1º. ed. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 1985. Contra-capá.

também em Piracicaba, pregando sermões em reuniões promovidas pela igreja, como argumentou em seu artigo teológico, em 1985:

*Há forte evidência que Teixeira iniciou seu ministério ali em Santa Bárbara e Piracicaba. Baseamo-nos numa informação que Dr. W. B. Bagby enviou à junta dizendo que Teixeira não pregava mais. Tinha havido um desentendimento entre Teixeira e Quillin, em Piracicaba, na tentativa de ali ser organizada a Terceira Igreja e uma escola-missão. Esse desentendimento resultou na separação de ambos e abandono da idéia e do trabalho em Piracicaba. Mas, ficou o registro que Teixeira deixaria de pregar, ou seja, que antes ele pregava. Perguntamos: onde pregava? A quem pregava? Será que os norte-americanos estavam interessados em que um brasileiro se tornasse pastor para eles, se já possuíam o seu? Qual o interesse do grupo em receber um brasileiro no seu seio e consagrá-lo ao ministério? Não sobra qualquer dúvida no fato de que as duas igrejas serviram de berço ao alagoano intrépido que então iniciava seu ministério, como um batista.<sup>115</sup>*

Esta descoberta acerca dos sermões pregados pelo primeiro pastor batista brasileiro, somada a outras documentações encontradas, fez frente à narrativa de Reis Pereira que afirmava o desinteresse destas duas primeiras igrejas em alcançar os nativos, pois, segundo ele, falavam apenas em inglês e serviam apenas para a devoção dos colonos.<sup>116</sup> Dentre estas documentações, está também o 1º manifesto evangelístico do Brasil, de 1870, que declarava a preocupação em evangelizar sem distinções de nacionalidade, do qual participou o Pastor Elias Hoton Quillin, que neste tempo já havia sido reconhecido como missionário da Junta de Richmond entre os brasileiros. Curiosamente, aqueles que o sucederem no ministério de seu pastoreio da igreja de Santa Bárbara seriam William B. Bugby e Zachary C. Taylor, aqueles que segundo Reis Pereira, foram os pioneiros no trabalho batista no Brasil. O PR Quillin, por sua vez, fora substituído de Richard Ratcliff, o primeiro pastor norte-americano batista que exerceu seu ministério em solo brasileiro, e que embora tenha chegado ao país como colono, confederado da Guerra de secessão, já era pastor e havia se apresentado à Junta de Richmond 10 anos antes, intencionando exercer o ministério missionário no Oriente.<sup>117</sup>

Em seu livro, Betty Antunes apresenta documentações da referida junta sobre o reconhecimento do trabalho em Santa Bárbara:

*O Pr. R. Ratcliff e sua igreja estavam preocupados com a expansão do trabalho. Percebe-se, pela documentação, que a obra prosseguia, embora os obstáculos fossem grandes. Um desses obstáculos era a realização dos cultos na língua inglesa, com a presença dos que não a entendiam, ou o inverso. Era evidente que,*

<sup>115</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes de. **A propósito da organização da primeira igreja batista do Brasil...** Revista Teológica do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Rio de Janeiro, no. 2, 1985. p. 67-68.

<sup>116</sup> PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 11.

<sup>117</sup> *Ibid.*, p. 11.

*para a realização dos cultos em português, o pastor Ratcliff teria que multiplicar o seu trabalho, incluindo o seu próprio preparo e o tempo gasto na visitação pastoral. [...] Com a leitura cuidadosa dos vários documentos, incluindo-se os datados de 11.01.1873, 07.04.1877 e 18.10.1879, fica muito claro que os apelos feitos pela igreja à FMB, para que esta a ajudasse, não visavam só à propagação do evangelho na vizinhança, mas também à sua divulgação além das fronteiras da comunidade. [...] O seu pastorado teve uma duração de cerca de oito anos, dentre os 11 que permaneceu no Brasil. Deixou no seu lugar o seu colega, Pr. Elias Hoton Quillin. [...] a Convenção, baseada no relatório e sugestão da FMB, aprovou-o, votando instalar no Brasil, a sua Missão, com a Primeira Igreja Batista, em Santa Bárbara, SP [...] Essa decisão foi logo efetivada incluindo a nomeação do Pr. Elias Hoton Quillin, como missionário da FMB, responsável pela instalação da Missão e o seu funcionamento.<sup>118</sup> [grifos meus]*

Diferente da visão apresentada por Reis Pereira em seu livro sobre o mesmo assunto, onde afirma que aquela igreja sequer visava a evangelização de brasileiros, e por isso não poderia ser o início dos trabalhos evangelísticos e missionários no país, o livro de Betty Antunes de Oliveira apresenta uma igreja evangélica organizada em 1871 de acordo com os princípios neo-testamentários e que, vinculada à ideologia batista, tinha uma marca distintiva da questão missiológica como sinônimo de expansão e crescimento, conforme aborda em um de seus artigos à Revista Teológica do Seminário do Sul em 1985:

*Para que uma igreja batista evangélica seja organizada é preciso que seus membros declarem a sua nacionalidade, a sua cor, partido político ou sua condição social? Ou ela deve ser reconhecida pelo fato de que seus membros são salvos em Cristo Jesus, pela fé, e devidamente batizados conforme as Escrituras?<sup>119</sup>*

Em análise do ponto de vista histórico-cronológico, é possível afirmar que a partir desta primeira igreja batista constituída deu-se início, no Brasil, o trabalho missionário da Junta de Missões Estrangeiras, a Junta de Richmond. Sucedeu que em meados de 1879, a pedido da Igreja Batista de Santa Bárbara, em São Paulo, a referida junta estabeleceu o trabalho no país após votação na Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América. Neste mesmo ano, foi organizada a segunda igreja batista, na Estação de Santa Bárbara, com membros portadores de cartas demissórias da primeira. Sobre estas duas primeiras igrejas batistas no Brasil, Betty destaca em seu artigo no *O Jornal Batista* a necessidade de um estudo mais atento:

*Por causa do grupo de batistas, vieram os missionários Bagbys e depois outros. Que sementeira magnífica! Aquela First Baptist Church of Brazil, organizada ali no*

<sup>118</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco: Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil**. 2º. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2005. p. 229-230.

<sup>119</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes de. **A propósito da organização da primeira Igreja Batista do Brasil...** Revista Teológica do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Rio de Janeiro, no. 2, 1985. p. 67.

*coração de São Paulo, não mais existe. Foi a semente que posta na terra, morreu, para dar vida a tantas outras! [...] Deveríamos dar mais importância àquilo que pertenceu aos nossos antepassados.*<sup>120</sup>

Com as pesquisas de Betty, fica ainda mais claro que a igreja fundada em Salvador, no ano de 1882 é, na verdade, a terceira igreja batista em solo brasileiro, com membros portadores de cartas demissórias da primeira e da segunda igrejas. Dentre estes estava o primeiro pastor batista Antônio Teixeira de Albuquerque, sua esposa, seus quatro filhos e sua empregada, todos membros filiados a igreja batista da Estação, além de quatro missionários nomeados pela Junta de Richmond. Um com sustento próprio e os outros três com sustento integral da referida junta.

Segundo afirma Mário Ribeiro Martins, que apoiava a tese de Betty, ainda no ano de 1881, antes mesmo que a igreja de Salvador fosse fundada, a Igreja Batista de Santa Bárbara certamente já havia perdido sua característica unicamente norte-americana, já que naquela altura o então pastor da igreja, William Bagby, pregava sermões em português. Somado a isto Mário Ribeiro afirma:

*Prometeu estender o evangelho a regiões distantes, o que fez, enviando um nativo (Teixeira) juntamente com os Bugbys e os Taylors para fundar uma igreja na cidade mais católica da América Latina, Salvador, sede do arcebispado no Brasil.*<sup>121</sup>

Assim, fica claro que, de uma perspectiva ideológica de missão, pode-se considerar o marco inicial do trabalho batista no Brasil com a fundação da Primeira Igreja Batista da Bahia, fundada em 1982. Contudo, sob a perspectiva histórico-religiosa e cronológica deve-se afirmar que este evento acontece na organização da Igreja Batista de Santa Bárbara, que veio a gerar as outras duas. Tratando-se de história, se faz necessária esta reconstrução cronológica fatural e documental, tal como a obra de Dona Betty, e a não utilização de certa ideologia ou de certo aglomerado de tradições, tal como fora construída a historiografia oficial amplamente difundida na denominação. Tal como escreve João Filson Soren no prefácio de uma das obras de Betty Antunes, fruto de sua pesquisa historiográfica:

*Cabe ao historiador, primordialmente, a função de pesquisador. É essa a área técnico-científica da tarefa do historiador. Só com base na constatação historiográfica e documental tem respaldo de autenticidade a narrativa, a interpretação e a aplicação, ou seja, a filosofia das ocorrências históricas. Sem a*

<sup>120</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes de. **No primeiro centenários dos pioneiros norte Americanos**, *O Jornal Batista*, 27 de Novembro, edição 48, p. 1.

<sup>121</sup>MARTINS, Mário Ribeiro. **Rio Largo: berço e tûmulo de dois pioneiros batistas**, *O Jornal Batista*, 9 de fevereiro de 1975, edição 6, p. 4.

*constatação real e comprovada dos fatos, a pretendida história tende a se desfigurar em aglomerado de tradições, suposições, conceitos preferenciais: mais estória que história. Vem aparecendo, de alguns anos para esta parte, evidente empenho no sentido de esclarecer aspectos da vida e da obra dos Batistas no Brasil, especialmente no período inicial da implantação de nossa Denominação na Pátria Brasileira, nesses primórdios de nossa história, que alguns denominam como o período do pioneirismo Batista no Brasil. Ouvia-se com frequência a alegação de que a maior causa de frustração para quem pretendesse escrever a História dos Batistas no Brasil, seria a inexistência de documentário e de outras fontes fidedignas em que pudesse ser adequadamente estruturada essa História. Esse fato negativo, até certo ponto impeditivo, a quem encare com seriedade a perspectiva de escrever história, vêm sendo superado pela persistência, inteligência e habilitação técnica de nossos atuais pesquisadores. Entre esses deparamo-nos com Betty Antunes de Oliveira.*<sup>122</sup>

De outro lado, é possível perceber um existente desinteresse por parte de Reis Pereira, até então o principal historiógrafo dos batistas do Brasil, pela investigação de fontes primárias em razão de sua busca pela afirmação ideológica missionária. Seus escritos eram fruto apenas de tradições, de sua memória, de seus próprios escritos anteriores e das contribuições de pessoas que provavelmente partilhavam desta mesma visão ideológica. Ainda que este tivesse acesso à pesquisa documental de dona Betty, afirmava não haver fontes suficientes para uma melhor construção desta primeira fase na história dos batistas brasileiros. O motivo desta insistente negação aos recentes argumentos estava claro. O livro produzido por Betty Antunes trazia consigo vasto desconforto, visto que sua acurada pesquisa documental inevitavelmente apontava para um início do trabalho batista no Brasil diretamente ligado aos escravagistas confederados da Guerra de Secessão. Associação esta que a liderança da convenção buscava veementemente evitar na tentativa de sustentar a concepção de tradição ideológico-missionária.

## 4.2 AS REAÇÕES: CONFLITOS DE GÊNERO E PODER

“O que ganharia uma esposa de pastor brigar com um pastor?”.<sup>123</sup> Esta é uma das declarações feitas por Betty Antunes de Oliveira ao relatar sua cordial relação com José dos Reis Pereira em relação à divergência de opiniões que tinham no tocante ao assunto do marco inicial batista no Brasil. Após enviar quatro diferentes artigos para *O Jornal Batista* dentro desta temática, sendo o primeiro em 1966 e os outros três em 1977, a escritora relatou parar os envios por estar “perdendo tempo”, visto que suas publicações vinham recheadas de notas

<sup>122</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Antônio Teixeira de Albuquerque: o primeiro pastor batista brasileiro*. Rio de Janeiro, Gráfica Vida Doméstica, 1982. p. 1.

<sup>123</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes de. Entrevista concedida a Alberto Kenji Yamabuchi (por telefone). Caraguatatuba, SP. 24 de julho de 2008. 17h00m.

explicativas do jornal na tentativa de abafar possíveis questionamentos que pudessem ser despertados nos leitores dos periódicos.

Como vimos, cerca de quarenta anos se passaram antes que a Convenção Batista Brasileira tornasse válida a tese de dona Betty. Parte desta demora podemos atribuir ao fato de que, naqueles anos, seu principal oponente contava com elevado prestígio político na denominação e não exatamente porque eram suficientemente satisfatórios os argumentos apresentados e defendidos por ele. A elite governante em questão optou por não questionar com seriedade o que já havia sido estabelecido, mesmo em frente aos fortes argumentos apresentados pelas pesquisas de Betty Antunes. A decisão era tecnicamente correta, mas eticamente questionável quanto a sua parcialidade, tendo em vista que o líder da comissão responsável por estudar as objeções da narrativa oficial era também o autor da versão principal, Reis Pereira. Naqueles dias era praticamente impossível para Betty conseguir a aprovação de sua tese na Convenção Batista Brasileira.<sup>124</sup> O domínio masculino na produção de conhecimento historiográfico fora surpreendentemente ameaçado por uma mulher, mais especificamente por uma esposa de pastor batista.<sup>125</sup>

*O surgimento singular da pessoa de Betty Antunes de Oliveira na história da Convenção Brasileira, através do seu questionamento público contra a narrativa oficial do marco inicial do trabalho batista elaborada pelo domínio masculino, marcou um novo momento histórico nas relações de gênero e poder entre os batistas. A sua resistência à decisão oficial representou uma insurreição do saber-poder sujeitado das mulheres e a luta pelo direito e privilégio de participar igualmente da produção do conhecimento historiográfico entre os batistas. Além disso, por tratar-se de esposa de pastor, cuja representação social demandava comportamentos socialmente estereotipados, que tradicionalmente lançavam sua figura no anonimato, a atuação pública de Betty Antunes de Oliveira foi um caso especial, de transgressão de padrões de gênero. Ela procurou se libertar dos códigos da denominação patriarcal que impediam o acesso de mulheres ao campo da produção.<sup>126</sup>[grifo meu]*

Apesar de suas inegáveis conquistas na área acadêmica e suas inquestionáveis capacidades intelectuais, o lugar reservado para a “mulher de pastor” desfavorecia qualquer tentativa de ultrapassar uma vigorosa demarcação de seu espaço social. Para elas, as esposas de pastores, estava reservado o lugar de submissão aos seus maridos pastores e, conseqüentemente, também aos demais líderes da denominação. Em relação aos espaços

<sup>124</sup>YAMABUCH, Alberto Kenji. **O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980.** São Bernardo do Campo, SP, 2009. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. p. 15-16.

<sup>125</sup>*Ibid.*, p. 38.

<sup>126</sup>*Ibid.*, p. 184-185.

públicos, suas atividades deveriam ser “sem nenhum alarde”,<sup>127</sup> até mesmo em relação aos circulatórios e demais publicações que escreviam. Estas publicações deveriam estar sempre de acordo com o discurso oficial e patriarcal para que fossem aceitas. Nancy Dusilek, esposa de pastor batista e também escritora, autora do livro *Mulher sem nome*, publicado por uma editora interdenominacional, declara em uma de suas páginas:

*A esposa de pastor parece, realmente, uma pessoa que lhe esqueceram de dar um nome quando ela nasceu nessa nova família – a de pastores. Raramente pronunciam o seu nome. Mesmo quando ela vai falar ou cantar, alguns irmãos, na sua displicência inocente, apresentam a oradora ou solista, dizendo de quem ela é esposa, falando sobre seus estudos, o que vai falar ou cantar, mas não dizem o seu nome. É uma mulher sem identidade própria. Vive como uma sombra do marido.*<sup>128</sup>

A imagem tradicional das esposas de pastores era basicamente vinculada ao auxílio do ministério dos maridos, a ponto de sua visibilidade pública que fluísse por outras áreas fosse vista como inadequada e até mesmo transgressora. Ainda que este não fosse exatamente o caso da esposa do Pastor Albérico Antunes de Oliveira, foi apenas após receber o apoio de outros homens, como o Pastor Ebenézer Cavalcânti, Zaqueu Moreira de Oliveira, Mário Ribeiro Martins e Othon Avila Amaral, que sua tese ganhou força suficiente para fazer frente à hegemonia já estabelecida. Betty contestou publicamente a posição oficial acerca do marco inicial batista, excedendo em muito os limites de sua demarcação social. Ainda que suas contestações fossem feitas sempre de maneira cordial, utilizando os meios que lhe eram disponíveis e apresentadas de forma discreta, o feito culminou em uma fissura no domínio da produção da verdade, no campo da história dos batistas brasileiros<sup>129</sup>, gerando incômodos à liderança predominantemente masculina.

*A dominação masculina no campo simbólico da constituição do saber historiográfico entre os batistas se opôs à contribuição intelectual de Betty de oliveira, apesar das provas e dos documentos históricos apresentados pela pesquisadora acerca do início do trabalho batista no Brasil. As explicações oficiais (masculinas) que justificaram a prioridade da narrativa oficial se prenderam a questões ligadas à ideologia batista de missões e desqualificaram as conclusões do trabalho de Betty de Oliveira. [...]se a constituição do saber e o exercício do poder eram exclusividades masculinas em um sistema sócio-religioso tradicionalmente orientado por uma cultura patriarcal e androcêntrica, que estabelecia os discursos verdadeiros e normativos, os homens não podiam admitir a intromissão de mulheres nesse campo do saber-poder sacralizado. Por isso, o adversário de Betty*

<sup>127</sup>Expressão amplamente utilizada na época ao referir-se às atividades das boas esposas de pastores que cuidavam bem de seu lar, de seus maridos e do ministério pastoral dos mesmos.

<sup>128</sup>DUSILEK, Nancy Gonçalves. **Mulher sem nome: dilemas e alternativas da esposa de pastor**. São Paulo: Editora Vida, 1995, p.10.

<sup>129</sup>YAMABUCH, Alberto Kenji. **O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980**. São Bernardo do Campo, SP, 2009. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. p. 277.

*de Oliveira, o pastor Reis Pereira, não admitiu, durante o período compreendido entre os anos 1966 a 1982, qualquer possibilidade de se repensar o que ele mesmo, amparado por uma narrativa elaborada pela “elite de poder” masculina, definiu como o marco inicial do trabalho batista no Brasil.*<sup>130</sup> [grifos meus]

Curiosamente, a publicação da segunda edição do livro de Reis Pereira, *História dos Batistas no Brasil 1882-1982*, que continha a narrativa oficial, aconteceu no ano de 1985, pela Juerp. Este era exatamente o ano em que Betty Antunes conquistava a publicação de sua primeira edição, realizada com recursos próprios, e também exatamente a editora que desacolheu sua solicitação para o lançamento de *Centelha em Restolho Seco*. Isto leva ao questionamento sobre as intenções da liderança da Convenção Batista Brasileira daquele tempo em aprovar o lançamento desta segunda edição da obra de Reis Pereira. Além disso, o livro republicado não fez nenhuma menção às pesquisas de dona Betty, o que pode ser considerado significativo, já que àquela altura Reis Pereira não poderia alegar desconhecimento das pesquisas e publicações feitas pela jornalista. Esta atitude, de certa forma, silenciava e desconsiderava todo o seu trabalho.

Em uma instituição democrática, tal como os batistas, omitir outras formas de saber além daquelas que são oficializadas pelos produtores do discurso oficial, pode ser considerado um procedimento de exclusão ou interdição. Este mecanismo atinge, geralmente, aqueles que não são considerados qualificados em seu pronunciamento, no caso de um sistema patriarcal, atinge principalmente às mulheres. Apesar de conceder algumas publicações de Betty no *O Jornal Batista*, fica claro que Reis Pereira o fez justamente em nome do espírito democrático batistas sem deixar sua posição daquele que consente, como podemos constatar na maneira que apresentou o artigo de Betty:

*O Jornal Batista esteve presente às comemorações centenárias. Nossa prezada colaboradora D. Betty Antunes de Oliveira, descendente por linha materna dos colonos de 1866, escreveu o artigo que, **a seguir, com grande prazer publicamos.***<sup>131</sup> [grifo meu]

Contudo, o acesso à participação não significa aceitação. A posição tomada pelo então diretor do jornal é manifestada após reconhecer as proporções tomadas pelo artigo da esposa de pastor que fazia oposição pública a um pastor. Segundo Rachel Soihet aponta, o consentimento pode revelar resistência ou contrapoder do dominador através de uma reapropriação dos instrumentos simbólicos, empregando-os contra o dominado.

<sup>130</sup> *Ibid.*, p. 335-336.

<sup>131</sup> NOTA DA REDAÇÃO. O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1966, edição 48, p. 1.

*As fissuras à dominação masculina não assume, via de regra, as formas de ruptura espetaculares, nem se expressam sempre num discurso de recusa ou rejeição. Elas nascem no interior do consentimento, quando a incorporação da linguagem da dominação é reempregada para marcar uma resistência.*<sup>132</sup>

Notoriamente, Betty Antunes sofreu violência simbólica<sup>133</sup> durante todo o processo dos questionamentos acerca do marco inicial batista, ainda que esta não se considerasse vítima. Para a pesquisadora, a questão corria muito mais no campo do saber equivocado que precisava ser reconsiderado. No entanto, o feito de Betty, intencionalmente ou não, contestou e desafiou publicamente um estabelecido domínio masculino no campo do saber em relação a construção da história batista brasileira, e ainda, de forma politicamente perigosa, desacomodou também o seu poder

### 4.3 O RECONHECIMENTO

Apesar dos impedimentos que lhe eram constantemente apresentados, Betty Antunes nunca desistiu de expor a sua pesquisa. Dedicada e paciente, sempre fez uso das oportunidades que lhe apareciam sem nunca impor-se desrespeitosamente ou entrar em discussões e polêmicas desnecessárias. Estava convicta de que nenhum poder é eterno e que cabia ao tempo trazer à tona os resultados dos fatos apresentados, independente da vontade humana, sua ou de qualquer outra pessoa.<sup>134</sup>

Enfim, na 89ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira, que ocorreu em Brasília no ano de 2009, após mais de quarenta anos das primeiras contestações feitas por Betty, e vinte e seis anos após a primeira publicação de seu livro, foi oficialmente substituída a data do marco inicial batista no Brasil. Já em idade avançada, aos 89 anos, acompanhou todo o processo, sempre efetiva em suas atividades. Ao receber a notícia comportou-se como lhe era característico, mantendo-se serena e paciente. Betty permaneceu calada por alguns instantes e então:

*Seu rosto armou o sorriso sereno e singelo que lhe é peculiar e seus olhos buscaram o horizonte, como a percorrer toda a sua trajetória de várias décadas de trabalho. Nós, seus filhos, netos e bisnetos, consideramos a chegada do reconhecimento do marco histórico inicial*

<sup>132</sup> SOIHET, Rachel, **Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas**. In: SAMARA, Eni de Mesquita. SOIHET, Rachel. MATOS, Maria Izilda S. de Op. Cit., p. 72.

<sup>133</sup> Segundo Pierre Bourdieu, em seu livro “*A dominação masculina*”, p. 47, violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante. É suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas.

<sup>134</sup> *Ibid.*, p. 374.

*como um presente antecipado de aniversário que se dará em 13 de maio próximo, quando completará 90 anos de existência. Pelo que aprendemos com ela e nosso pai, consideramos esse reconhecimento como uma confirmação de que, assumindo-se uma real obediência aos preceitos divinos, pode-se empreender uma luta e vencê-la sem o uso da imposição de poder, percorrendo o caminho a ser trilhado, com persistência e paciência, buscando-se sempre a paz.*<sup>135</sup>

Curiosamente, a celebração dos 140 anos do início do trabalho batista no Brasil aconteceu nos dias 8, 9 e 10 de setembro de 2011, apenas 29 anos após a comemoração oficial do Centenário. Nestes dias reuniram-se aproximadamente 9.000 pessoas no Espaço de Eventos da Usina Santa Bárbara, em Santa Bárbara d'Oeste. Na ocasião, o PR Manoel Ramires Filho, então presidente da Convenção Batista do Estado de São Paulo, fez a seguinte colocação em seu discurso:

*Aquilo que começou com poucos irmãos norte-americanos tem se multiplicado em todo o território nacional. E nós estamos aqui para celebrar essa história. Não poderíamos começar de outra maneira que não com um culto no qual Missões é a ênfase. Se estamos aqui é porque missionários vieram até nós.*<sup>136</sup>

Durante as comemorações, dona Betty recebeu uma justa condecoração sendo homenageada por seu incansável trabalho de pesquisa. Contudo, em avançada idade, já com 92 anos de idade, por recomendações médicas, não pôde estar presente na ocasião da solenidade. Coube ao seu filho Nelson Ajuricaba Antunes de Oliveira representá-la. Expressando sua forte emoção e honra em fazê-lo, transmitiu a mensagem da autora do livro *Centelha em Restolho Seco*, conforme pode ser lida na íntegra:

*Irmãos batistas e irmãos de outras denominações. Ao ensejo das comemorações dos 140 anos do trabalho batista no Brasil, desejo congratular-me com os batistas brasileiros e suas lideranças denominacionais que assumiram corajosamente o reconhecimento do marco histórico de 10 de setembro de 1871, ocasião da fundação da Primeira Igreja Batista do Brasil, na vila de Santa Bárbara, hoje cidade de Santa Bárbara d'Oeste, conforme referenciado no relatório do Pastor Richard Ratcliff, seu primeiro pastor para a Junta de Missões Estrangeiras, conhecida como Junta de Richmond. Posteriormente, em 02 de novembro de 1879, sob o pastorado de Elias H. Quillin, foi fundada a 2ª igreja como o nome de Igreja Batista da Estação (no local onde era a estação da estrada de ferro, hoje cidade de Americana). Em 20 de junho de 1880, o Pastor Robert Porter Thomas, de quem sou bisneta, batizou o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, passando este a ser membro da nova igreja. Essas duas igrejas concederam cartas de transferência para cinco de seus ex-membros: William B. Bagby e sua esposa Anne e Zachary C. Taylor e sua esposa Kate, e o ex-padre, em mudança para Salvador, na Bahia, onde em 15 de outubro de 1882, fundaram a Primeira Igreja Batista da Bahia. Essas são*

<sup>135</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes de (filha). Alguns comentários sobre a tese de doutorado de Alberto Kenji Yamabuchi, p. 3

<sup>136</sup> ROSÁRIO, Myrian. **Celebração dos 140 anos marca momento histórico da denominação.** *O Jornal Batista*. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2011, p. 8.

*as pinceladas relevantes da história que hoje destacamos. Entretanto, a relevância maior é a constatação de que o evangelho foi pregado, anunciado, difundido e se espalhado como uma centelha em restolho seca, frase profética do Missionário Bowen e inspiradora do livro que o Senhor me deu o privilégio de escrever. O objetivo desse livro, a par de resgatar alguns fatos históricos importantes para o registro da trajetória dos pioneiros que nos trouxeram as boas novas; é muito mais, é um testemunho de que a Palavra nunca volta vazia e que a Grande Comissão estava impregnada na mente e no coração daqueles que vieram desbravar uma nova terra, enfrentar novos e desconhecidos desafios e conquistar expressivas vitórias nos seus labores e nas suas profícuas vidas. Queira Deus que os feitos dos nossos antepassados, continuem a inspirar as novas gerações para a continuidade da grande obra que nos foi outorgada por Cristo, ampliando-a cada vez mais até que volte o Mestre. Betty Antunes de Oliveira. 10 de setembro de 2011.<sup>137</sup>*

Segundo declara Charlotte Estelle Vaughan<sup>138</sup>: “Temos muito a agradecer à dona Betty Antunes de Oliveira. Ela batalhou muito para que a igreja em Santa Bárbara fosse reconhecida como a primeira igreja batista em solo brasileiro”.<sup>139</sup> Por este motivo, no dia 9 de novembro daquele mesmo ano, foi realizado na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, um culto de gratidão pela vida de Betty Antunes. Na ocasião lhe foi concedido o título de Doutora Honoris Causa em Divindade, e estavam presentes representantes da Convenção Batista Brasileira, da Convenção Batista do Estado de São Paulo e da Faculdade Teológica Batista de São Paulo que juntamente com a igreja prestaram-lhe homenagens.<sup>140</sup>

Indiscutivelmente a autora de *Centelha em Restolho Seco* e destacou na comunidade como pesquisadora da história dos batistas do Brasil e deixará um grande legado na área. Além disso, será lembrada também como grande historiadora da cultura estadunidense, visto que sua pesquisa contribuiu para a preservação dessa história. Sua obra ainda inspira novas pesquisas, abrindo outras portas e possibilidades, fazendo soprar nova brisa sobre o modo batista de fazer história.

## 5. CONCLUSÃO

<sup>137</sup>Carta-discurso de Betty Antunes de Oliveira: lida por seu filho Nelson Ajuricaba, no dia 10 de setembro de 2011, nas comemorações dos 140 anos dos batistas no Brasil

<sup>138</sup>Charlotte Estelle Vaughan, é descendente dos imigrantes fundadores da Primeira Igreja Batista em Santa Bárbara, trabalhou incansavelmente na denominação batista. Durante 39 anos atuou na União Feminina, por 23 anos foi professora no IBER (Instituto Batista de Educação Religiosa) e fez parte do Conselho da Aliança Batista Mundial por cinco anos, sendo a primeira mulher a fazer parte desse conselho.

<sup>139</sup>ROSÁRIO, Myrian. **Celebração dos 140 anos marca momento histórico da denominação**, p. 9.

<sup>140</sup>SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1ª. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 477.

Acreditava-se, por parte desta que conclui a presente atividade, que debruçar-se sobre a vida e obra de Betty Antunes de Oliveira traía grande proveito para ela mesmo, como também teria grande relevância para o leitor mais atento e reflexivo acerca das questões levantadas. Esta crença apenas consolidou-se à medida que as pesquisas eram aprofundadas.

Observou-se, através desta contribuição, que a figura de Betty Antunes tem sua representatividade para além das questões historiográficas. Constatou-se que grande parte de seu êxito só foi possível graças ao apoio recebido de homens conceituados na instituição e ao renome de suas famílias de origem, por linha paterna, Ricardo Pitrowsky, e por linha materna, Robert Porter Thomas. Não obstante, sua dedicação às pesquisas documentais histórico-científicas ainda inspiram homens e mulheres a seguir seus passos na produção de conhecimento sério e imparcial, originado e pautado em rigorosos estudos de metodologia técnica. Além disso, sua bravura e intrepidez elucidaram a abertura de novas possibilidades para a figura feminina dentro e fora da denominação batista.

O trabalho de pesquisa não é fácil, requer paciência, dedicação, trabalho duro e muita determinação. Ainda assim, Betty Antunes viu a conclusão de sua pesquisa, por muitas vezes, ser desconsiderada em razão da manutenção de ideologias doutrinárias e ações políticas que evitavam desagradar parcerias estabelecidas. É de conhecimento geral que nas décadas contemporâneas aos principais embates entre Betty e a posição oficial de Reis Pereira, a denominação mantinha estreitos laços com a Junta de Richmond, especialmente na área financeira e na área organizacional das estruturas para as ações no país, assim, os incômodos causados pela pesquisadora anunciavam um possível mal estar entre as organizações, o que o lado brasileiro severamente evitava. Por este e por outros motivos, já anteriormente apresentados, a pesquisadora foi vítima de violência simbólica e negligência por parte da instituição que diligentemente serviu durante toda sua vida.

Ainda nos dias atuais, é inerente o risco de deslembra-se a conquista de Dona Betty. De quando em quando, embebidos novamente por um espírito ideário missionário, a denominação refaz declarações anteriormente já alteradas em razão do conceituado trabalho da pesquisadora, abrindo espaço para questionamentos acerca de suas motivações ao fazê-lo. É possível reconhecer o risco neste trecho de certa divulgação recente a respeito da história da expansão batista no mundo, publicada no dia 1 de abril de 2021:

A partir daí, a obra missionária dos Batistas iniciou um gigantesco crescimento chegando, inclusive, através dos Batistas do Sul dos Estados Unidos, ao Brasil, onde

foi organizada, no dia 15 outubro de 1882, a Primeira Igreja Batista para Brasileiros em nossa terra e, deste trabalho, é que surgiu a Convenção Batista Brasileira.<sup>141</sup>

Como vimos, apesar de todo o reconhecimento acerca de seu trabalho e da abertura de espaços conquistados por Betty em favor do academicismo e da figura feminina, o peso das tradições ainda insistem em fazer perdurar antigas narrativas político-ideológicas. Dito isto, muitas pesquisas e novas discussões serão necessárias para que a forma batista de fazer história e lidar com as questões de conhecimento científico possam, de fato, redirecionar seus esforços a fim de reparar equívocos anteriores e caminhar rumo a ações e produções que tragam mais imparcialidade e confiabilidade.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, Junnia Pitrowsky. **Minha vida com mamãe**. Depoimento em 18 de setembro de 2006.

AMARAL, Othon Ávila. **Antônio Teixeira de Albuquerque: o primeiro metodista e batista do Brasil**. O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1975, edição 4

AMARAL, Othon Ávila. **Evocações Históricas**, O Jornal Batista, 12 de outubro de 1973

AMARAL, Othon Ávila. **Marcos batistas pioneiros**. 1º. ed. Mesquita: Edição do Autor, 2001.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba, Unimep. São Paulo, Exodus, 1996.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Anais, 1968. Rio de Janeiro: JUERP

CAVALCÂNTI, Ebenézer. **Antônio Teixeira de Albuquerque até 1886**. O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1967, edição 48.

CAVALCÂNTI, Ebenézer. **Um centenário batista no Brasil**. O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1971, edição 37

---

<sup>141</sup> Informação extraída da pagina do Instagram oficial da Convenção Batista Brasileira (cbboficial). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNlTrHxDd6N/?igshid=rscviz0q3kxt> . Acesso em 17/07/2021

CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil: até o ano de 1906.** Departamento de Estatística e História da Casa Publicadora Batista do Rio de Janeiro, 1937.

DUSILEK, Nancy Gonçalves. **Mulher sem nome: dilemas e alternativas da esposa de pastor.** São Paulo: Editora Vida, 1995.

KASCHEL, Walter. **Da cidade maravilhosa ao paraíso verde, III. Na capital amazonense.**

MARTINS, Mário Ribeiro. **Rio Largo: berço e túmulo de dois pioneiros batistas,** O Jornal Batista, 9 de fevereiro de 1975, edição 6

NACHTIGALL, Vera Liana. **Ricardo Pitrowsky: sua vida e sua contribuição à hinologia brasileira.** Orientador: Prof João R. Sutton. 1973. 85 p. Monografia (Graduação) - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Rio de Janeiro, 1973.

OLIVEIRA, Albérico Antunes de. **Histórico da Igreja Batista de Constantinópolis em seu Jubileu de Prata: 1940-196.**

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **A propósito da organização da primeira igreja batista do Brsail...** Revista Teológica do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Rio de Janeiro, no. 2, p. 67-68, 1985.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Antônio Teixeira de Albuquerque: o primeiro pastor batista brasileiro.** Rio de Janeiro, Gráfica Vida Doméstica, 1982.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco: Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil.** 1º. ed. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 1985.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco: Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil.** 2º. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2005.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Do arado ao cajado.**

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **North American immigration to Brazil: tombstone records of the "campo" cemetery.** Brasília, Graf. do Senado Federal, 1978.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **No Primeiro Centenário dos Pioneiros Norte-Americanos.** O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1966, edição 48

OLIVEIRA, Betty Antunes de (filha). Alguns **comentários sobre a tese de doutorado de Alberto Kenji Yamabuchi**.

PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985.

PEREIRA, José dos Reis. **Os batistas fazem oitenta e quatro anos**, O Jornal Batista, 16 de outubro de 1966, edição 42.

PRICE, Donald. **Assembléia de Deus e Batistas: um contraste entre dois modelos missionários teológica**, ano 3, nº 4, :2º semestre de 2001.

ROSÁRIO, Myrian. **Celebração dos 140 anos marca momento histórico da denominação**.

SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1ª. ed. São Paulo: Hagnos, 2014

SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel, MATOS, Maria Izilda S. de. **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997.

SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: história e religião na América Latina à partir de Michel de Certeau**. 1ª. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003.

SANTOS, Samuel de Oliveira. **Na Marcha da fé rumo ao centenário batista**, O Jornal Batista, 27 de dezembro de 1981, edição 52

SOBRINHO, João Falcão. **Um século depois**. O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1971, edição 40

TEIXEIRA, Marli Geralda. **Os batistas na Bahia: 1882-1925**.

YAMABUCHI, Alberto Kenji. **O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980**. São Bernardo do Campo, SP, 2009. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo.